



INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER

FITOTECA COLABORATIVA DE
SABERES POPULARES E JOGO DE
CARTAS COMO FERRAMENTA PARA
INTERVENÇÕES

IVANA SILVA ACCIOLY
MELINA RATTES LIMA DA MOTTA
THALITA BESERRA DO VALE
ANNELIESE HEYDEN CABRAL DE LIRA
(ORGANIZADORES)

**INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER:
FITOTECA COLABORATIVA DE SABERES POPULARES E
JOGO DE CARTAS COMO FERRAMENTA PARA
INTERVENÇÕES**



IVANA SILVA ACCIOLY
MELINA RATTES LIMA DA MOTTA
THALITA BESERRA DO VALE
ANNELIESE HEYDEN CABRAL DE LIRA
(ORGANIZADORES)

**INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER:
FITOTECA COLABORATIVA DE SABERES POPULARES E
JOGO DE CARTAS COMO FERRAMENTA PARA
INTERVENÇÕES**

1ª Edição

Quipá Editora
2025

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A171i Accioly, Ivana Silva
 Inventário vegetal afetivo da Vila do Amanhecer : fitoteca colaborativa de saberes populares e jogo de cartas como ferramenta para intervenções / Ivana Silva Accioly, Melina Rattes Lima da Motta, Thalita Beserra do Vale e Anneliese Heyden Cabral. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2025.

64 p. : il.

ISBN 978-65-5376-436-1

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-436-1

1. Etnobotânica. 2. Saberes tradicionais. 3. Conservação ambiental. I. Motta, Melina Rattes Lima da. II. Vale, Thalita Beserra do. III. Título.

CDD 581.634

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipa Editora em abril de 2025

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

APRESENTAÇÃO

A Comunidade Vila do Amanhecer, em Conde, Paraíba, coexiste entre fauna e flora nativa da Mata Atlântica, margeante a uma porção do Rio Gurugi, ambiente que carrega fortes relações de afetividade entre os seus moradores e o local. Pela proximidade com o rio, a região possui especificidades que demandam cuidados ambientais, principalmente em áreas delimitadas à beira do mangue.

Com levantamentos e a apreensão do espaço, este trabalho aplica preceitos da etnobotânica no estudo das interações entre sociedade e plantas, manifestando os saberes populares no uso da vegetação do lugar.

Considerando suas relações de afetividade, o trabalho tem como objetivo registrar suas espécies na forma de inventário e propor, em processo participativo e colaborativo, uma fitoteca popular para a exposição de seus resultados e um jogo de cartas que auxilie na proposição de intervenções na paisagem.

Palavras-chave: Relação afetiva; etnobotânica; saberes populares; fitoteca; jogo.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
CAPÍTULO 1	06
INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO 2	08
OBJETO DE ESTUDO	
CAPÍTULO 3	11
ESTADO DA ARTE	
CAPÍTULO 4	22
METODOLOGIA	
CAPÍTULO 5	24
RESULTADOS	
CAPÍTULO 6	39
CONCLUSÕES	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE 01	44
INFORMAÇÕES TÉCNICAS, CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	
APÊNDICE 02	54
ROTEIRO PARA VISITA À VILA DO AMANHECER INTERVENÇÕES URBANAS	
APÊNDICE 03	55
CALENDÁRIO DE FLORAÇÃO E CALENDÁRIO DE FRUTIFICAÇÃO	

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

A Vila do Amanhecer, localizada¹ na cidade de Conde-PB, compreende uma paisagem de autoconstruções modestas, quase sempre atendendo a funções de moradia, que coexistem entre fauna e flora nativa de Mata Atlântica, margeantes a uma porção do Rio Gurugi, ambiente que preserva relações de afetividade entre os seus moradores e o local. Estes bens naturais, que compõem a paisagem, completam valores diversos do lugar e são responsáveis pela sua configuração espacial inicial.

Após observações feitas através de visitas de apreensão da Vila do Amanhecer, esta se mostrou um ambiente de pessoas engajadas no cuidado com o espaço coletivo, com atenção aos seus recursos naturais e ao cultivo de plantas funcionais² para a Comunidade, abrangendo funções de sombreamento, alimentação, medicamento, ritualística e matéria prima para a criação de artesanato.

Apesar do conhecimento e cuidado mencionados, vale-se a importância do registro de valores e saberes populares para o fortalecimento das relações de identidade com o lugar, para que perdurem ações que zelem e contribuam para a manutenção e o entrosamento dos moradores - atuais e futuros - com sua paisagem, e para potencializar a disseminação de informações sobre os benefícios que a vegetação local tem a oferecer em trocas que respeitem e preservem a natureza.

Tais observações inclinam este trabalho na aplicação de preceitos da etnobotânica no estudo das interações entre sociedade, paisagem e plantas, manifestando os saberes tradicionais no uso de espécies vegetais de dada população.

Considerando os hábitos da população em gerar transformações no espaço urbano, o trabalho também se apoia nas potencialidades de interação entre as pessoas por meio de um jogo, como mais uma ferramenta didática de assimilação das informações e aplicação em possíveis intervenções.

¹ Coordenadas: -7.2769539 e -34.8075548

² Os atributos funcionais são entendidos como aspectos relevantes de um organismo em resposta ao ambiente em que se encontra.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é compreender a vegetação em sua relação afetiva com os moradores da Vila do Amanhecer, analisar quantitativa e qualitativamente seus usos, através do reconhecimento seus saberes, e registrar, em forma de inventário, as espécies vegetais encontradas na Comunidade. A partir deste, são propostos dois produtos: uma fitoteca³, construída em processo participativo, para a exposição dos resultados e a criação de um jogo de cartas baseado nos achados botânicos da comunidade.

³ Coleção de plantas; Herbário.

CAPÍTULO 2

OBJETO DE ESTUDO

A Vila do Amanhecer, localizada em Jacumã⁴, em Conde, fica às margens do Rio Gurugi - o qual conformou sua disposição inicial - distribuída em grandes lotes. Consolidada há mais de 19 anos, foi regularizada, em 2019, através do Programa Chão de Direito, durante a gestão da então prefeita Márcia Lucena, e atualmente possui cerca de 25 casas construídas, 44 lotes definidos e formalizados, além de delimitação de área de proteção à beira do mangue e áreas públicas.

Pela proximidade com o rio, a região possui especificidades que demandam cuidados ambientais e, apesar da sua regularização, ainda não dispõe de infraestrutura adequada, a energia elétrica, por exemplo, chegou recentemente.

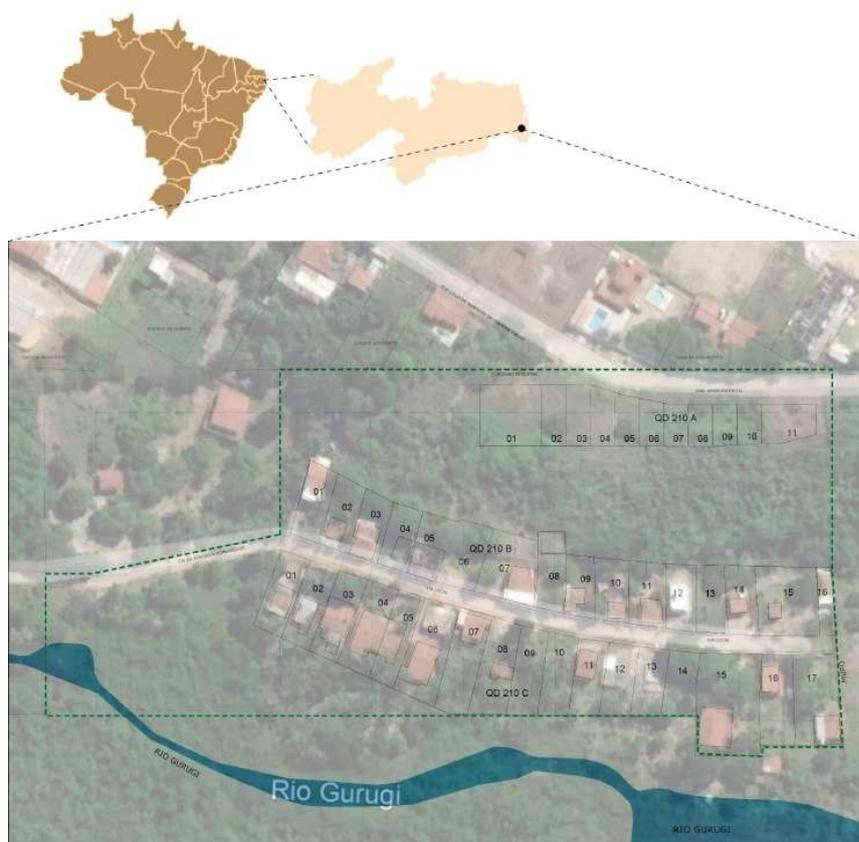


Figura 01 - Localização da Vila do Amanhecer. Fonte: Google Maps | Editado pela equipe (2022)

⁴ Região turística de Conde, muito procurada para veraneio.

servirem como lixeiras, além disso, organizam atividades conjuntas de reparos, como na estrada que leva os carros até a entrada da Vila.



Figura 03 - Interação com o Rio Gurugi e geladeira utilizada como lixeira. Fonte: Acervo da equipe (2022)

Apesar do esforço da comunidade em prol dos seus espaços públicos, suas especificidades ambientais demandam atenção e cuidados. O espaço público apresenta elementos naturais de vegetação típica ripária⁶ e halófitas⁷, o corpo hídrico e o ecossistema de mangue. O espaço privado, também contribui para a morfologia da paisagem com a vegetação nos ambientes intralotes e ao longo da única rua da comunidade, com vegetação doméstica advinda dos moradores. Esta vegetação endossa a relação sociedade e natureza de forma funcional e ecológica, com a presença de plantas com formatos, portes, texturas, cores e sobretudo, relações de uso distintas que conformam a paisagem local.

⁶ tipo de vegetação presente em espaços próximos a corpos d' água.

⁷ plantas que, sendo essencialmente terrestres, estão adaptadas a viverem no mar ou próximo dele, sendo tolerantes à salinidade.

CAPÍTULO 3

ESTADO DA ARTE

Tipos de vegetais

Segundo Salviati (1994, p. 9), a classificação das espécies vegetais ocorre, de um modo geral, agrupada em dois conjuntos: O primeiro trata de aspectos visuais da planta, estando relacionados à sua arquitetura ou à forma como ela ocupa e se desenvolve no espaço; O segundo conjunto refere-se a aspectos da planta relacionados ao seu ambiente, como condições para se manter e se desenvolver, como: umidade, substrato, iluminação, tipo de crescimento, florescimento e frutificação, etc, desejáveis para o pleno desenvolvimento do seu ciclo.

É comum a adoção de uma classificação que faz referência ao tipo de caule vegetal, atendendo, inicialmente, na predefinição do estudo da vegetação:

...as árvores são plantas providas de um tipo de caule resistente e lenhoso, que se ramifica a uma certa altura do nível do solo, enquanto que os arbustos possuem caule lenhoso, geralmente ramificado desde sua base. Os subarbustos possuem caule apenas parcialmente lenhosos, pois seu prolongamento é herbáceo, enquanto as trepadeiras caracterizam-se por seu caule sempre pronto a se desenvolver e se apoiar sobre outras estruturas mais resistentes. Plantas cujo caule é completamente desprovido de lenho são consideradas herbáceas, independentemente de sua forma e tamanho: diversas musáceas como as helicônias ou as bananeiras, por exemplo, são consideradas herbáceas, da mesma forma que qualquer pequena erva rasteira. (SALVIATI, 1994, p.10)

No paisagismo, devemos considerar aspectos especialmente referentes à feição ou presença física da espécie vegetal na paisagem, além das observadas no caule, também seu porte, estrutura, forma, entre outras partes vegetais (SALVIATI, 1994, p.10). Vale ressaltar que, pela diversidade do universo vegetal, ainda que estejam classificados com considerações a várias das suas características, ainda sujeitam-se a imprecisões, superposições e ambiguidades, coexistindo formas intermediárias que podem se enquadrar em diferentes classificações.

A seguir, o esquema sintetiza a classificação e derivações dos tipos vegetais, as informações são de Salviati (1994, p.11) e foram rediagramadas pela equipe:

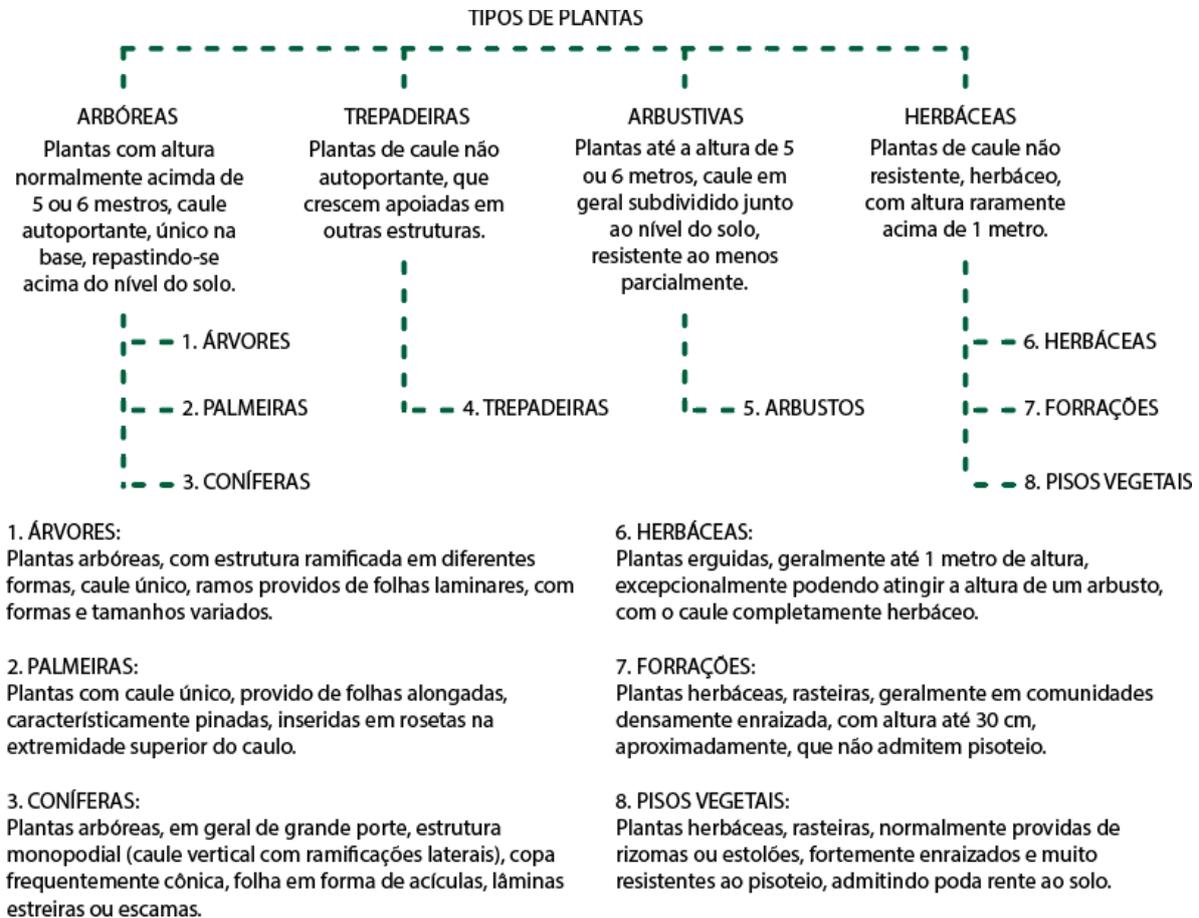


Figura 04 - Esquema resumo de classificação vegetal. Fonte: Salviati (1994) adaptado pela equipe (2022)

Segundo vários autores e documentos normativos, a exemplo do Manual de Arborização de João Pessoa, mencionam a classificação das árvores através do seu porte: Pequeno porte (entre 5 e 7 metros de altura); Médio porte (entre 7 e 10 metros) e Grande porte (acima de 10 metros de altura). Quanto à arquitetura da copa, observa-se uma variedade de morfologias que a depender, podem ser mais indicadas para a arborização das vias das cidades, a exemplo das copas globosas (em formato de globo) ou elípticas verticais. Há ainda as de copa elíptica horizontal, falbeliforme, umbeliforme e cônicas. Quanto às raízes, pode-se citar três principais classificações, que são: a) raízes superficiais, mais espalhadas e posicionada próximas à superfície, b) raízes pivotantes, mais profundas e verticais; c) raízes mistas, apresentando profundidade menor que as

pivotantes e menor espraiamento que às superficiais. Abudd (2006) explica que as raízes, geralmente, apresentam formato semelhante à arquitetura da copa, como um espelhamento funcional relacionado à sustentação da árvore no solo.

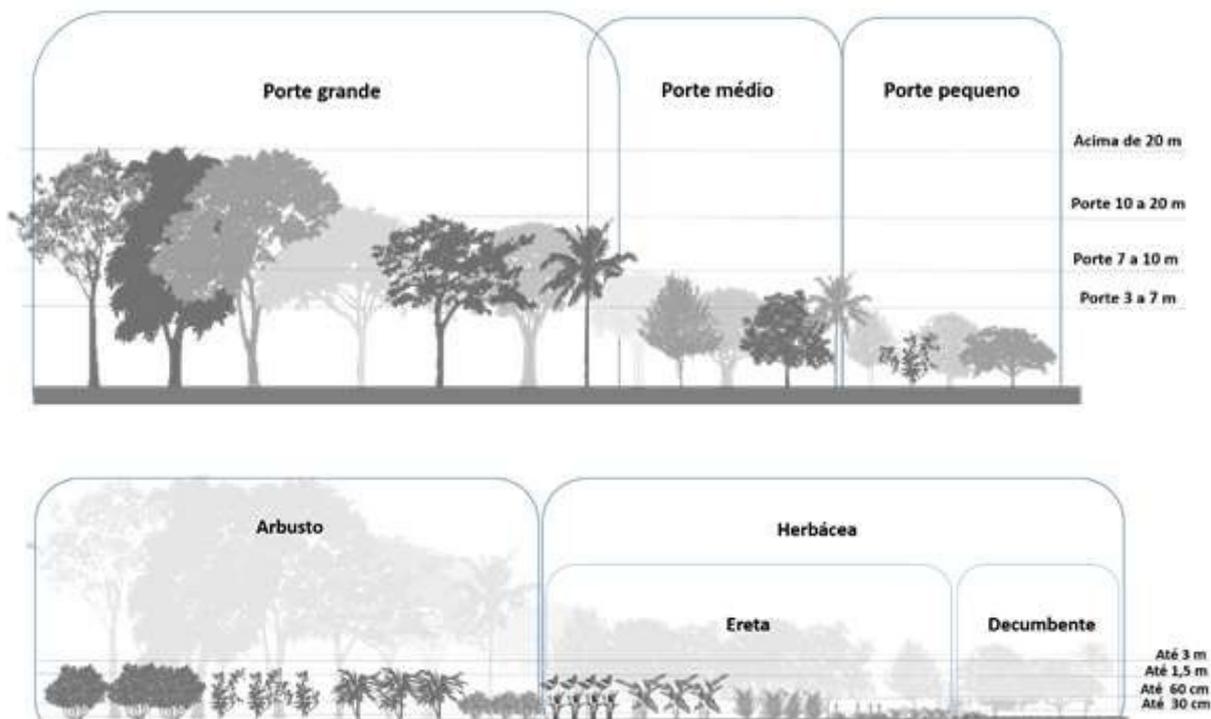


Figura 05 - Perfis do estrato arbóreo, arbustivo e herbáceo. Fonte: Lira (2022)

Estas considerações serviram de base para a classificação das espécies vegetais levantadas na Vila do Amanhecer, na sua codificação, iconização e indicação espacial no mapeamento realizado para a elaboração do inventário e os consequentes produtos relacionados à ele.

Etnobotânica

A etnobotânica se define como o estudo da relação entre o ser humano e plantas, pelo modo como estas últimas são utilizadas como recurso; tendo sido explicada por CHUQUER(2019) como:

...a ciência que estuda, simultaneamente, as contribuições da botânica e da cultura, evidenciando as interações dinâmicas

entre as sociedades humanas e as plantas. Também inclui o estudo das aplicações e dos usos tradicionais dos vegetais pelo homem, permitindo um melhor entendimento das formas pelas quais as comunidades pensam, classificam, controlam, manipulam e utilizam espécies de plantas. (CHUQUER, 2019)

O saber da comunidade sobre a biodiversidade local não é apenas o conhecimento de plantas medicinais, mas também suas contra-indicações, os locais de coleta, as formas de preparo e demais informações que foram repassadas ao longo de gerações, pautadas no desenvolvimento sustentável e na maneira segura de utilização. (CHUQUER, 2019)

No âmbito da investigação etnobotânica, é imprescindível o conhecimento da cultura local e o funcionamento diário da comunidade, observando como ela utiliza os recursos naturais do seu entorno, diante das suas múltiplas utilidades. Os pesquisadores repassam os conhecimentos adquiridos para o meio científico visando a sua correta interpretação e categorização dos dados, após primordialmente haver a troca de conhecimentos com o espaço e mútua vivência com os moradores. (PATZLAFF e PEIXOTO, 2009).

Relações da paisagem

A paisagem natural é compreendida como uma área de elementos físicos naturais inalterados ou que sofreram pouquíssima interferência antrópica, e entende-se por paisagem cultural aquela, portanto, alterada pelo ser humano.

A Vila do Amanhecer possui paisagens dinâmicas, naturais e culturais, em meio a elementos de aspectos físicos bem conservados, em especial em uma faixa de preservação delimitada às margens do rio Gurugi, onde os processos da natureza são ainda predominantes na composição da Comunidade.

A paisagem, desta forma, compreende uma manifestação conjunta entre natureza, sociedade e cultura, percebida para além do espaço físico, na construção do imaginário de uma população, que carrega, em mútua troca, saberes e afinidades que perpetuam ao longo de gerações, apesar das suas constantes transformações naturais e antrópicas.

Os recursos naturais que compõem a paisagem integram valores diversos ao lugar, e muitas vezes pronunciam a sua configuração espacial e social.



Figura 06 - Diversos valores atribuídos à vegetação. Fonte: Alvino (2017)

Diante da ampla diversidade geográfica, cultural, ambiental, social e histórica, a Carta da Paisagem das Américas (2018) atenta sobre o direito à paisagem como um bem coletivo, para além da busca pelas raízes que alicerçam um povo e a razão da sua existência, também para possibilitar a continuação do projeto da paisagem na consolidação da identidade de uma comunidade; Reconhece a importância das paisagens urbanas e da sua necessidade de cuidados, no cumprimento da função social de um lugar, em contribuição para a dignidade e qualidade de vida de uma população.

A Carta, em menção à responsabilidade do Arquiteto da Paisagem, indica seu papel na preservação, conservação e produção de novas paisagens, propondo projetos que consideram estética, identidade e a sustentabilidade dos lugares, com respeito às paisagens preexistentes; Indica ainda a construção de inventário, como instrumento fundamental de planejamento, preservação e gestão da paisagem.

A comunidade faz uso da fitodiversidade do local, a partir de conhecimentos tradicionais adquiridos, para atender necessidades que surgem no dia a dia da coletividade. A exemplo do uso de parte da folha do mamoeiro, utilizado como canudos para beber água de coco; o uso de folhas, flores, frutos, raízes para infusão de chás,

indicado para uma pluralidade de curas ou melhorias da saúde; da fibra do coqueiro para a confecção de caqueiras para plantas (ver figura 07); do fruto do dendezeiro com a utilidade de alimentar guaiamuns no mangue; entre diversas frutas como o caju e o próprio coco para o preparo de doces.



Figura 07 - Caqueira produzida com fibra de coco e canudo ecológico do caule da folha de mamão, feitos por moradores da Vila do Amanhecer. Fonte: Acervo da equipe (2022)

Intervenção urbana e a construção coletiva na escala do bairro

A chamada lei de assistência técnica (lei federal 11.888) de 2008, firma a garantia de serviços gratuitos de arquitetura, urbanismo e engenharia para famílias de baixa renda. Inspirada no Sistema Único de Saúde e em outros ramos da assistência social, segundo Baltazar & Kapp (2016, V.1, p.127-128), “a terminologia deixa entrever o caráter assistencialista e missionário” ao qual contrapõe a assessoria.

Enquanto o paradigma da assistência se funda nesse ideário assistencialista, a assessoria aponta para uma relação sem dominação, ainda que assimétrica. Numa situação ideal, os assessorados - geralmente um grupo social organizado - solicitam a assessoria e determinam o papel que ela assumirá no processo (KAPP E BALTAZAR, 2016, p. 128)

A ideia de assessoria, e que assumimos para a construção deste trabalho, é a de que não haja uma hierarquia entre os saberes técnicos e populares, mas que sejam

complementares a ponto de que a própria comunidade consiga articular suas demandas, com autonomia sobre as tomadas de decisão na construção e transformação do espaço em que habitam.

Ao falarmos sobre a relação da comunidade Vila do Amanhecer com o ambiente em que habitam, é inevitável perceber a relação afetiva de cuidado com o espaço urbano. Nas visitas e nas escutas que fizemos na comunidade, foi possível observar que as pessoas fazem uma gestão consciente da limpeza urbana e um cuidado especial com as plantas e o rio, seja no seu plantio ou na sinalização para que visitantes não deixem lixo próximo ao Rio Gurugi preservando a área que é de uso coletivo.

A dimensão coletiva do espaço é percebida também a partir da interação entre a vizinhança, numa relação de apoio comunitário, fortalecendo a noção de comunidade, inclusive a partir das trocas cotidianas envolvendo a vegetação local. Foram muitos os relatos de colaboração entre os vizinhos em relação ao plantio, coleta e aproveitamento de frutos, folhas e matéria prima vindos das árvores e herbáceas existentes na Vila do Amanhecer.

As ações de intervenção no espaço público geradas pelos usuários fortalecem justamente esta relação de vizinhança. Essas intervenções de cunho coletivo geralmente estão associadas a demandas urgentes da vida cotidiana em vizinhança, por exemplo: plantio de árvores ou outras espécies para sombreamento, ocupação de espaços com acúmulo de lixo, plantio de espécies que fornecem insumos para alimentação, cuidados terapêuticos, etc.

A partir disso, podemos considerar que a paisagem estará diretamente atrelada às ações realizadas pelos moradores, fazendo parte assim, da identidade do lugar. Na medida em que os cidadãos se apropriam do processo de fazer cidade, se colocam como sujeitos ativos das transformações dos espaços urbanos.

Assim, podemos pressupor que as intervenções realizadas pelos usuários fortalecem as relações entre a comunidade e o meio ambiente, os valores coletivos de vizinhança e a identidade local construindo espaços urbanos mais conectados com a realidade das comunidades.

Na Vila do Amanhecer, a rotina dos moradores é amplamente interligada com o ambiente natural e, em se tratando de uma comunidade com pouca infraestrutura urbana, as futuras intervenções na paisagem devem respeitar a conexão das pessoas e do seu cotidiano, valorizando a apropriação cultural da identidade do lugar e contribuindo para que os moradores sejam inseridos nesse processo mantendo-os como protagonistas das decisões sobre o espaço urbano.

O jogo como mecanismo de interação sociocultural

Na obra de Daniil Borisovitch Elkonin (1904-1984), “Psicologia do Jogo”, o autor busca compreender como o ato de brincar com jogos se torna fundamental para o desenvolvimento psicológico das crianças na primeira infância. Por mais que o texto traga pontos sobre relação dos pequenos com esta atividade, o autor define os jogos como “uma atividade em que se reconstruem, sem fins utilitários diretos, as relações sociais” (ELKONIN, 1998, p. 19).

Para Elkonin, o papel desempenhado por uma criança numa atividade lúdica é naturalmente a reprodução dos papéis sociais exercidos por adultos e a ação de jogar e brincar está relacionada com um espelhamento do meio em que elas vivem. Em outras palavras, o autor defende que as crianças irão sempre reproduzir os papéis sociais representados por adultos em toda a oportunidade de socialização intermediada por jogos e brincadeiras, sendo este um resultado do processo histórico de construção da sociedade e das condições de vida de cada uma delas, não se tratando de questões naturais ou biológicas.

O autor também aponta para a importância de que os jogos proporcionem espaço para a construção de relação entre adultos e crianças como uma forma educativa para o desenvolvimento social. Com base na pesquisa de diversos autores, Elkonin enfatiza que a interação por meio de situações lúdicas são atividades construídas socialmente e não algo próprio somente das crianças.

Na mesma direção, na obra *Homo Ludens*, de 1938, o historiador holandês Johan Huizinga afirma o jogo como algo inato ao homem, constituindo inclusive elementos

socioculturais desde o princípio da civilização. O autor considera-o uma categoria primária da vida:

(...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, seguindo regras livremente consentidas, mas obrigatórias, dotadas de um fim e acompanhadas de um sentimento de tensão e alegria, além de se diferenciar da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 1971).” (DUQUE, 2016, pg. 36)

Sendo uma atividade sociocultural característica aos homens, os jogos são capazes de produzir e disseminar conhecimento, criando oportunidades de aprendizagem para os grupos sociais. O psicólogo bielo-russo Lev Semenovitch Vygotsky foi um importante pesquisador que recebeu notoriedade da academia ocidental por seus estudos evidenciando que o desenvolvimento intelectual das crianças acontece de acordo com suas interações sociais e meios de vida. Suas pesquisas revelam dois aspectos do uso dos jogos: a afetividade e a cognição. A ação de jogar está diretamente relacionada com a afetividade, já o aspecto cognitivo é expresso no processo de aprendizagem. Os jogos podem proporcionar um aumento desta capacidade das crianças, segundo o autor.

Por mais que Elkonin e Vygotsky em seus estudos destaquem propriedades e aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil, fica claro que os jogos são parte importante da construção intelectual de qualquer indivíduo numa sociedade. O processo de aprendizagem por meio dos jogos auxilia na formação sociocultural a partir de signos culturais e formação de identidade no momento em que há interação entre pessoas portadoras de saberes e instrumentos. (VYGOTSKY apud DUQUE, 2016).

Fitoteca

Um Herbário ou fitoteca é a composição de uma espécie de “biblioteca” vegetal composta por uma coleção de partes vegetais preservadas⁸ e catalogadas, tendo como principal objetivo a identificação vegetal de acordo com as suas características fitológicas, história e região de coleta para comparação e sistematização em grupos de acordo com as suas semelhanças.

⁸ desidratadas; secas.

Este tipo de coleção é muito importante para que a flora de determinada região seja documentada, podendo ser utilizada para fins educacionais, como referência para outros estudos, ou ainda, estar intimamente relacionada a um lugar, se tornando uma aliada no fortalecimento e pertencimento de uma população e sua paisagem.



Figura 08: Plantas desidratadas. Fonte: Brasil Escola.

Para a construção do herbário, as plantas precisam ser coletadas, identificadas e preservadas, seguindo uma sequência de etapas chamadas de técnicas de herborização. Estas etapas iniciam-se pela coleta no local até a montagem e exsiccata⁹. Para a coleta é necessário material botânico específico: facão, tesoura de poda, cavadeira (para ervas e arbustos), ganchos (para plantas aquáticas), cajado de cordas (para ramos altos) e lupa de bolso (para observar flores pequenas); pasta para as plantas; sacola e sacos plásticos para transporte. (MACHADO, 2003).

Seguindo este tratamento técnico tradicional para composição de herbário, Machado (2003) indica que as plantas coletadas precisam ser enxutas e colocadas dentro da pasta junto com papel absorvente, colhendo no mínimo 2 exemplares de cada espécie e em bom estado de conservação. Após a coleta, é feita a secagem, prensagem e montagem dos exemplares. Na secagem, coloca-se o material em prensa de secagem, evitando dobramento e amarrotamento dessa vegetação, colocando papelão canelado e folha absorvente, formando um volume suficiente para que o material, quando seque,

⁹ As exsiccatas são feitas a partir de plantas previamente prensadas e secas em estufas, que, posteriormente, são fixadas em papel e devidamente classificadas.

permaneça o mais natural possível e o tempo na prensa vai variar de acordo com cada material.

Por fim, o vegetal seco será montado em papel cartonado ou pardo e terão etiquetas com a identificação do espécime (divisão, classe, subclasse, ordem, família, nome científico, nome vulgar, ciclo, reprodução, local de coleta, data de coleta e coletor) e do ambiente de coleta. (MACHADO, 2003).

Entendendo o valor desta ferramenta e metodologia para a pesquisa em meio científico, e contudo, sem desprezar os saberes ancestrais ou populares, compreende-se a “fitoteca popular” como mais um meio, alternativo, de documentação e troca de experiências e informações entre a sociedade, de modo, inclusive, mais acessível a ela; se valendo de outras metodologias para a identificação da vegetação que fogem ao convencional/usual.

Rodrigues (1905) conta que, a partir de uma classificação e identificação botânica feita por indígenas, a atribuição de diversos nomes populares de vegetais aconteciam por meio de relações associativas entre a planta e elementos do cotidiano, se valendo de muito mais sentido essa compreensão da espécie para a população. Ainda segundo o pesquisador, este método encanta para além da denominação que preza a forma, já que os indígenas prezam também pela função (RODRIGUES, p.14, 2018).

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

A metodologia de trabalho foi construída a partir de uma coleta coletiva, sobre o mesmo objeto de estudo, que se dividiu, posteriormente, em duas proposições distintas que se relacionam e se somam à ideia e produto da concepção de inventário vegetal afetivo da Vila do Amanhecer, derivado da relação entre paisagem e saberes da população.

Levantamento de dados/pesquisa de campo

O trabalho discorre por meio de visitas à Vila do Amanhecer, onde houve a apreensão da vegetação a partir da identificação dos moradores e registro afetivo, compondo as etapas de reconhecimento, levantamento de dados e coleta de folhas e frutos de espécies vegetais do local, para posterior análise. As visitas aconteceram sempre com o acompanhamento da líder comunitária Nêga, e foram registradas através de anotações em diário de campo, fotografias e vídeos.

Pesquisa bibliográfica

Para embasamento teórico e preenchimento de informações técnicas das tabelas, foram realizados levantamentos bibliográficos em livros, *sítes*, revistas e cartilhas, relacionados com o tema proposto.

Sistematização dos dados coletados

Após as visitas, as equipes se dividiram para preencher as tabelas de sistematização, divididas em três categorias: (1) Informações Técnicas, (2) Características Botânicas e (3) Relação com a Comunidade, conforme Apêndice 01.

Análise e proposição

Com base nas experiências e dados obtidos nas etapas anteriores, as informações coletadas e sistematizadas foram analisadas para o embasamento e direcionamento das proposições conseguintes. As tabelas de sistematização embasaram a criação dos calendários de floração e de frutificação, como parte diagramada dos resultados colhidos nas visitas e completados com as pesquisas científicas.

Para a exposição, produto final deste trabalho, propôs-se a criação de uma Fitoteca popular a fixar-se na sede da Associação dos Moradores da Vila do Amanhecer e um jogo de cartas do tipo Super Trunfo como ferramenta para intervenções na paisagem.

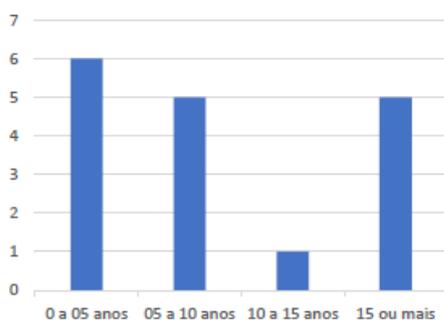
CAPÍTULO 5

RESULTADOS

A construção deste trabalho concebe uma metodologia de análise de paisagem ligada à construção de um inventário de saberes técnicos e populares sobre a vegetação presente na Vila do Amanhecer e suas relações e dinâmicas com o espaço.

A visita de reconhecimento da Vila do Amanhecer ocorreu entre os dias 28 e 30 de abril de 2022, realizada como atividade final do módulo 3 da especialização em Assistência Técnica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (ATAU+E) da UFPB, e contou com a participação e o acompanhamento dos alunos, professoras e coordenadoras do curso. Neste processo, foram aplicados questionários¹⁰ - elaborados durante atividades de aula da especialização - divididos em 5 eixos de perguntas, sendo eles: (1) história, (2) Moradia, (3) infraestrutura, (4) destinos e (5) relações de vizinhança, além da realização de atividades de interação com os moradores, incluindo todas as faixas etárias. A sistematização dos questionários e atividades aplicadas com os moradores, fundamentou as análises iniciais, na sinalização das demandas, em diferentes escalas, por melhorias em seus espaços públicos e coletivos.

Quando veio morar aqui?



Onde você morava antes?

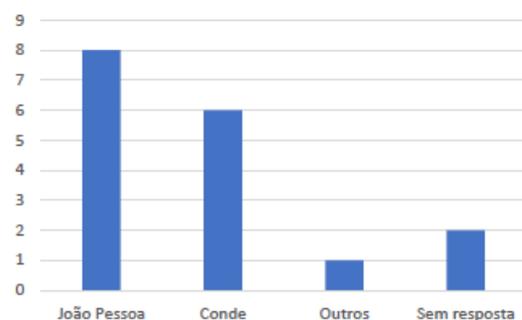


Figura 09 - Exemplos de gráficos gerados, resultados dos formulários aplicados com moradores da Vila do Amanhecer em abril de 2022. Fonte: Acervo da 1ª turma ATAU+E (2022)

¹⁰ Foi utilizada a ferramenta Google Forms na elaboração e aplicação dos questionários em campo.

A segunda visita foi realizada no dia 16 de junho de 2022, e estiveram presentes representantes de todas as equipes da especialização, além da líder comunitária e alguns residentes da Vila, reunidos nas atuais instalações da Associação dos Moradores. Cada equipe de alunos descreveu as intenções dos seus respectivos temas à medida que eram feitos questionamentos aos moradores, recolhendo as necessidades descritas relativas aos usos coletivos da Vila. Após essa roda de conversa, foi feito registro fotográfico guiado pela líder comunitária e o reconhecimento de algumas plantas do local. A partir desta coleta de dados foi possível listar e nortear os objetivos deste trabalho.

A terceira visita à Vila aconteceu no dia 10 de setembro de 2022, e seguiu um roteiro (ver Apêndice 02) previamente desenvolvido para o levantamento dos dados que foram julgados necessários para a análise e proposição deste trabalho. Durante esta visita de campo, foram explorados aspectos sensíveis da vegetação local para entender os valores e significados dados pela população.

In loco foram utilizados modelos de tabelas desenvolvidos para o levantamento, a fim de coletar os saberes populares sobre as espécies. Reunidos em frente a atual sede da associação dos moradores, em configuração de uma roda de conversa, alguns moradores compartilharam histórias e relatos de sua conexão com o ambiente natural da comunidade. Nêga, a líder comunitária, compartilhando suas experiências pessoais em meio a fauna e flora da Vila, contou que quando mais nova, caminhava pela beira do Rio espalhando sementes de dendê para alimentar os guaiamuns e que, por mais de uma ocasião, se deparou com capivaras que eram atraídas pela cana-de-açúcar plantada próxima ao leito d'água.

A partir dos relatos, foi possível preencher as colunas referentes às informações culturais que envolvem os moradores e as espécies locais. Algumas informações técnicas foram complementadas posteriormente na tabela, por meio de pesquisas em livros botânicos e sites especializados, e muitas informações passadas pelos moradores foram confirmadas, demonstrando que a comunidade possui um amplo conhecimento empírico sobre a flora local.

Código	Nome científico	Nome popular	Para que serve	Relação com a planta	Toxicidade	Onde ocorre	Polinizadores e fauna que atrai	Época de floração

Figura 10 - Modelo de tabela utilizado para o registro de espécies vegetais na Vila do Amanhecer. Fonte: Acervo da equipe (2022)

Esses relatos nos ajudaram a perceber o quanto a relação da comunidade está intimamente conectada com a preservação do meio-ambiente, ao passo que o uso das plantas remetem às lembranças antigas, fortalecem a identificação com o lugar onde vivem e incentivam o uso consciente da matéria-prima.

Após a roda de conversa, começamos a caminhada a partir da entrada da Vila do Amanhecer, local indicado, durante a primeira visita à Comunidade, como lugar de desejo para a construção de uma praça, conectando o Rio com a chegada na comunidade. Neste mesmo espaço, identificamos uma árvore de copa frondosa que produz sombra sobre um espaço já utilizado como área de estar por moradores e visitantes. (Figura 11).



Figura 11: Área de estar com árvore de copa frondosa localizada na entrada da comunidade da Vila do Amanhecer. Fonte: Acervo da equipe (2022).

Durante a caminhada foram registradas, em forma de mapeamento e catalogação das espécies vegetais, aquelas com algum valor afetivo e/ou qualidade de uso para os usuários do lugar, fazendo a identificação daquelas mencionadas durante a roda de conversa e também relembrando, durante o percurso, demais espécies que não foram citadas inicialmente.



Figura 12 - Trajeto realizado pela equipe para o mapeamento das espécies vegetais da Villa do Amanhecer.

Fonte: Acervo da equipe (2022)

Durante essa caminhada, os números de referência foram atribuídos para cada planta do levantamento de forma crescente e a partir da ordem em que foram mencionadas em conversa com os moradores ou da sua identificação no local, conforme exemplo: 1 - Dendê; 2 - Caju roxo; 3 - Mastruz, etc.

Também foram coletadas algumas folhas, frutos e sementes das plantas, e estas foram depositadas em sacos plásticos transparentes, separadas por folhas de papel branco em formato A4 e identificadas por etiquetas através de seu nome popular e número de referência utilizado no levantamento, conforme figura abaixo:

Figura 13 - Dados coletados durante visita à Vila do Amanhecer. Fonte: Acervo da equipe (2022)

A validação com a comunidade aconteceu de forma concomitante à caminhada, embora tivéssemos previsto no roteiro que aconteceria em um outro momento específico desta visita. Nêga e alguns moradores fizeram questão de nos acompanhar durante esta caminhada nos auxiliando na identificação das espécies, confirmando os relatos compartilhados e ensinando, inclusive, o modo de extração e cuidado da folha do mamoeiro para a produção dos canudos biodegradáveis.

Após a caminhada e validação, os levantamentos foram digitalizados para a sistematização dos dados, e seguiram a seguinte construção: (1) criação de planilhas para a inserção das informações registradas nas tabelas; (2) codificação das espécies relacionando-as ao seu tipo vegetal e à numeração de identificação do mapa inicial e (3) criação do mapa de localização das espécies em modelo vetorizado e editável.

Neste processo, as informações faltantes às tabelas foram completadas nas planilhas digitalizadas, e a codificação se deu em função da arquitetura do vegetal¹¹, atribuindo os prefixos: PAL, para palmeiras; ARB, para arbustos; FOR, para forrações; HER, para herbáceas e ARV, para árvores; conforme as suas apresentações estruturais, acrescido de numeral para quantificação por tipos. Além da codificação escrita, suas correspondências também foram representadas por cores, assumindo variações de tom por tipo, conforme a legenda:



Figura 14 - Legenda de relação dos códigos por cores . Fonte: Acervo da equipe (2022)

Por conter variadas compreensões técnicas e populares sobre cada espécie, a planilha foi dividida em três categorias de informação, a primeira contendo **informações técnicas** (código; nome popular; nome científico; porte; origem; floração; frutificação; toxicidade; polinizadores e fauna local e tipo de vegetação), a segunda contendo **características botânicas** (imagem; tronco/caule; copa; folha; flor; fruto e raízes) e a

¹¹ ver páginas 6 a 9 sobre classificação de tipos de vegetação.

terceira contendo as **relações com a comunidade** (para quê serve; parte(s) usada(s); relação cultural com a planta e relação com o espaço).

De acordo com a coleta de dados para preenchimento da tabela das “relações com a comunidade” (ver apêndice 1), relacionado ao uso, pode-se perceber a riqueza vegetal existente, pois é notório que é possível utilizá-la para diversos fins, assim como para tratamentos de saúde: Desde inflamações em diversas partes do corpo; aliviar sintomas crônicos ou ocasionais; auxiliar no tratamento da saúde física, mental e de bem estar.

Além de todas as propriedades medicinais, algumas plantas frutíferas são utilizadas para consumo tanto *in natura* quanto em alguma forma de preparo. Quanto às partes utilizadas das vegetações, foi possível sistematizar a predominância do uso das folhas, frutos, cascas e raízes. A relação cultural com a planta mostra a utilização dessas partes vegetais de diversas maneiras, sendo mais recorrente o preparo de chás, extratos, cocção e o consumo *in natura* do fruto.

Por último, na mesma tabela, na aba de relação com o espaço, destaca-se a vegetação predominante servindo como sombreamento na comunidade além de servir como ponto de referência, para além de contribuir para equilíbrio da fauna e beneficiamento de recursos para artesanato, melhorias na área comum, contribuindo imensamente para o equilíbrio de vida local.

Com a reunião desses conhecimentos, foram elaborados - para compreensão gráfica dos dados - os calendários de floração e de frutificação, com ícones de identificação dos polinizadores e da fauna atraídos por cada espécie vegetal (ver figura 15) e podem ser conferidos integralmente nos Apêndices 03 e 04.

Código	Nome popular	Imagem	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	POLINIZADORES / FAUNA LOCAL
FAL01	Dendê														
ARV01	Caju roxo														 
HER01	Mastuz														
ARV02	Aroeira														

Figura 15 - Recorte exemplificativo do calendário de floração das espécies vegetais da Vila do Amanhecer.

Fonte: Acervo da equipe (2022)

O calendário de floração dispõe de colunas que indicam, por espécie, o seu código; nome popular; imagem; meses do ano em que ocorrem a floração e os polinizadores e/ou fauna local que atraem. O calendário de frutificação dispõe de colunas que indicam, por espécie, o seu código; nome popular; imagem e meses do ano em que ocorrem a frutificação.

Os produtos resultados da leitura e levantamento do lugar, correspondem ao primeiro objetivo deste trabalho, de catalogação e criação do inventário vegetal afetivo da Vila do Amanhecer, comum e concomitantemente desenvolvido, até então, à equipe do artigo Inventário Vegetal Afetivo da Vila do Amanhecer: o jogo como ferramenta de intervenção na paisagem.

Toda a elaboração da proposta levou em consideração as expectativas da comunidade em relação ao seu produto final, uma vez que a sua construção, enquanto trabalho acadêmico, é limitada à arrecadação de recursos e/ou à participação pública para a sua execução, o que, geralmente, inviabiliza os resultados e frustra os envolvidos.

A devolução elaborada dos dados provenientes da pesquisa etnobotânica ao meio social que os origina, contribui para que os saberes reconhecidos sejam mais bem compreendidos, valorizados e utilizados, restituindo os sujeitos pesquisados do saber ao qual consiste a pesquisa.

Entre as usuais formas de retorno do saber construído, a devolução dos dados coletados e sistematizados são apresentados como cartilhas, manuais, painéis expositivos e artigos publicados. A proposição de uma fitoteca local como devolutiva desta pesquisa à Comunidade, tem como premissa estimular o auto-reconhecimento dos saberes sobre plantas, resgatando e valorizando as informações compartilhadas, dando aos moradores, segurança para a disseminação do conhecimento tradicional no uso sustentável da biodiversidade local.

Propõem-se o processo participativo e colaborativo para - além de uma ferramenta de engajamento e pertencimento - viabilizar a sua execução, gestão e manutenção no

tempo, devendo ser realizado pelos próprios moradores com a assessoria das pesquisadoras.

A construção colaborativa da fitoteca deve se dar a partir do inventário botânico iniciado com este trabalho, e como sugestão, ser fixada na Associação dos Moradores da Vila do Amanhecer em forma de mural dinâmico. Este, poderá expor os resultados até então obtidos, e permitir modificações de adição e alteração das informações contidas para a partilha dos saberes entre as pessoas da comunidade e o exercício permanente de interpretação da paisagem - considerando os seus ciclos - a partir da vegetação na visão dos moradores.

A construção do mapa das espécies vegetais funcionais da Vila auxilia no controle quantitativo e espacial de disposição das plantas, o qual estão atribuídos os ícones representativos de cada espécie, códigos relacionados com o tipo vegetal e legenda por nomes populares, facilitando assim, a sua localização no território e correspondendo às planilhas do inventário com as informações relacionadas (ver Apêndice 05).

No mapa das espécies vegetais (figura 16) é possível identificar de acordo com a localização, o tipo de vegetação existente em que há a predominância de coqueiros (aproximadamente 40), principalmente nos lotes margeados pelo rio; além de ser possível verificar as árvores frutíferas, tendo o cajueiro como maior incidência, distribuído ao longo de toda a comunidade. As bananeiras também são distribuídas tanto nos intra-lotes quanto no entorno, inclusive apresentando frutos fartos e saudáveis. Há árvores que proporcionam, em principal função, a sombra e o refúgio de aves e morcegos, mas é possível notar a ausência dessas árvores que fornecem sombreamento ao longo da via de acesso principal da comunidade, trazendo incidência solar direta.

Foram identificadas e apontadas no mapa as seguintes espécies: coqueiro, dendê, mamoeiro, bananeira, macaxeira, acácia, sombreiro, cajueiro, moringa, laranjeira, goití, pitangueira, mangueira, imbiriba, jambeiro e pés de pinha, representados por ícones de acordo com a figura 14.

Algumas espécies relatadas e que compõem as tabelas não puderam ser identificadas na caminhada por estarem situadas nos terrenos privados, não sendo possível, portanto, precisar a sua localização exata na comunidade.

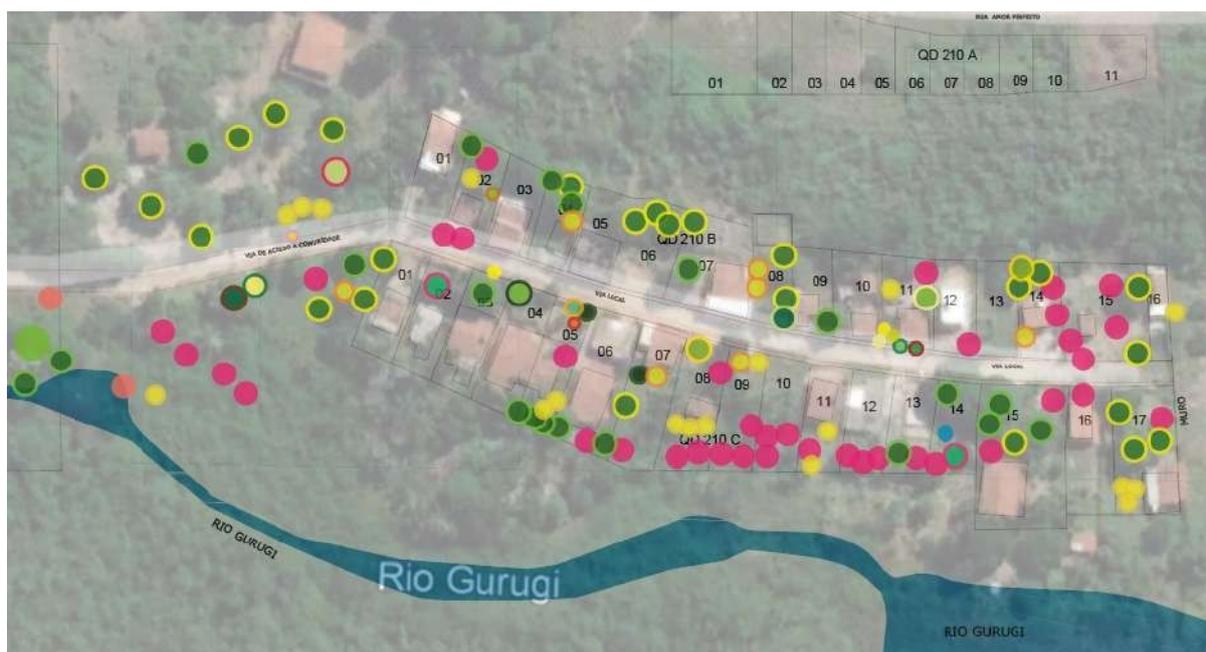


Figura 16 - Mapa de espécies vegetais funcionais da Vila do Amanhecer. Fonte: Elaborado pela equipe (2022)

Para um reconhecimento mais intuitivo, as fotografias estarão vinculadas aos seus ícones e aos seus nomes populares para exemplificação da espécie e, para além destas, deverão ser dispostas lacunas para o preenchimento posterior com fotografias que representem as alterações morfológicas sofridas ao longo do ano de cada espécie, como na sua floração, frutificação, ou qualquer outra alteração significativa do seu ciclo de desenvolvimento ou ação humana, em que o exemplar influencie na paisagem e nas dinâmicas que acompanham essas transformações no dia a dia dos moradores.

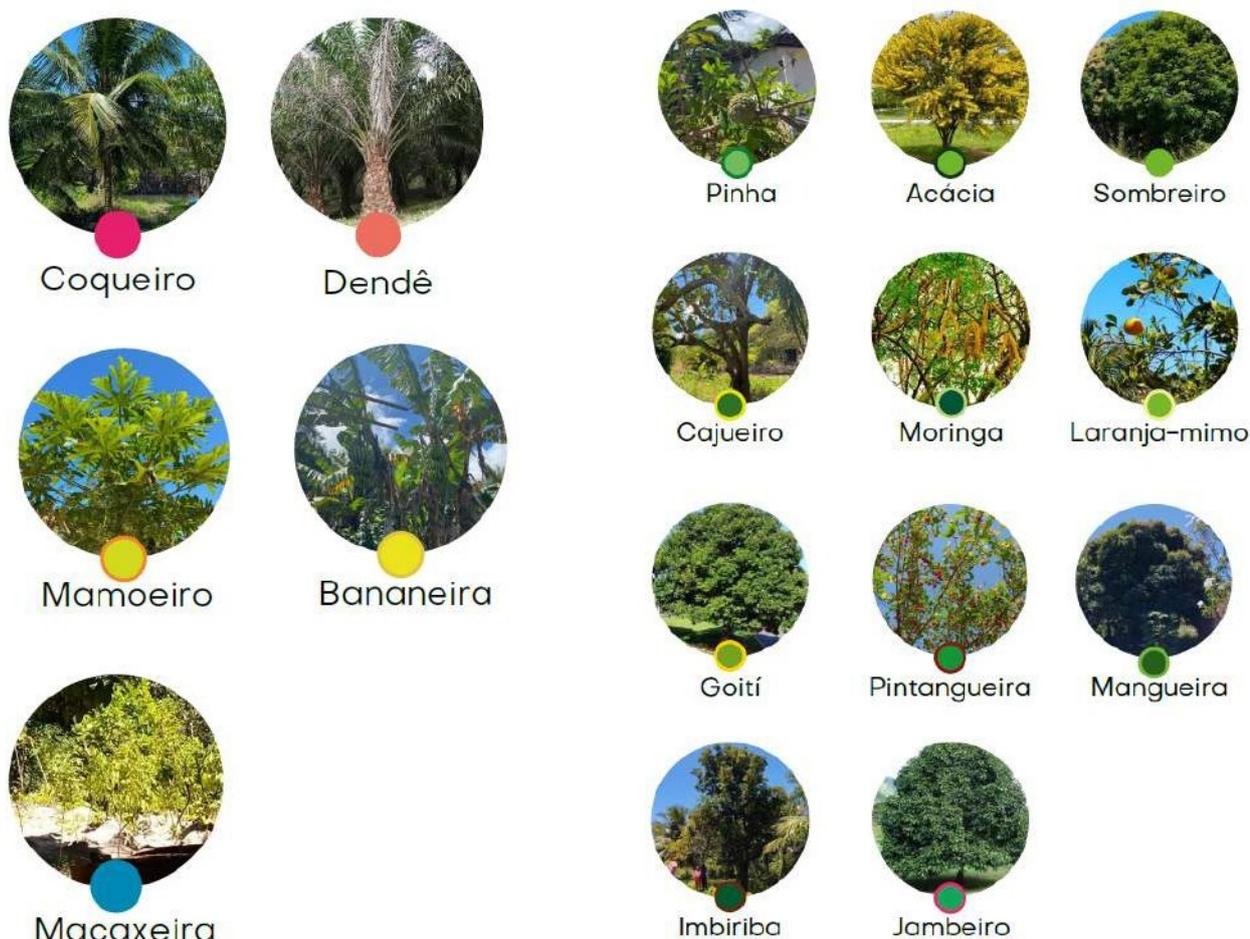


Figura 17 - Fotografias e ícones relacionando as espécies vegetais funcionais da Vila do Amanhecer Fonte: Elaborado pela equipe (2022)

Fitoteca popular

Diante do material produzido e, em acordo com a comunidade, sugere-se a fixação do inventário na nova Associação dos Moradores da Vila do Amanhecer (em etapa de projeto, na atual data), contando com a participação da líder comunitária e de residentes para a montagem e diagramação das peças do inventário.

A fim de criar uma memória afetiva em relação à criação da fitoteca, este trabalho propõe a reprodução da caminhada investigativa realizada e descrita nos capítulos anteriores. Acreditando que este processo participativo pode encorajar o engajamento das pessoas na descoberta de espécies e na compreensão dos ciclos da vegetação na comunidade, tornando parte do cotidiano, a leitura e a percepção da paisagem local.

Para a compreensão do processo de desidratação das partes dos exemplares vegetais - como folha, flor, raiz, etc - é proposta uma oficina para a realização da atividade com uma didática exemplificativa: realizando o processo em conjunto com os moradores, para o alcance e assimilação de todos os envolvidos.

A intenção é que estes momentos colaborativos sejam reproduzidos, posteriormente, de modo espontâneo pelos moradores, pontualmente e ao longo de todo o ano, não devendo abranger todos os exemplares de uma única vez e concordando com os ciclos naturais do desenvolvimento de cada planta do inventário.

Entende-se esta documentação como de grande importância para a paisagem do lugar, na sua utilização, conservação e também para fins educacionais, sendo aliada no processo de fortalecimento das relações de pertencimento da população com o lugar.

O jogo

A fim de reforçar a relação de colaboração entre a vizinhança, o presente trabalho também propõe o uso de um jogo de cartas como ferramenta lúdica para auxiliar na tomada de decisão sobre futuras intervenções na paisagem da Vila do Amanhecer.

O jogo usa como base a ideia das cartas de *supertrunfo*, muito populares entre as crianças e que abrangem os mais diversos temas, com o propósito de apresentar as características físicas das plantas, seus usos e benefícios e também a relação das mesmas com o espaço comunitário.

O objetivo do jogo é auxiliar na escolha de espécies em possíveis intervenções por parte dos moradores. Com as cartas em mãos, é possível fazer uma comparação dos valores de cada um dos atributos, e assim, fazer a melhor escolha para o espaço que se quer intervir.

As cartas seguem o mesmo esquema de cores definido na etapa de codificação descrita na página 29. Cada carta possui a identificação da espécie através do nome popular exibido na parte superior ao centro, do código de referência para as tabelas do inventário no canto superior esquerdo, do ícone redondo para identificação no mapa e uma foto ao centro. Abaixo da foto, a carta exhibe uma lista de atributos que caracterizam a planta de acordo com:

1. Sombreamento: densidade e dimensão da copa e a sombra que ela fornece;
2. Alimento: se ela é capaz de fornecer alimento através de seus frutos, folhas ou raízes;
3. Uso medicinal: se ela é usada para algum fim medicinal ou ritualístico como chás, infusões, lambedores, etc;
4. Matéria prima (artesanato): se seus componentes servem para produzir artesanato;
5. Toxicidade: se a planta ao ser consumida pode ser tóxica de alguma forma para seres humanos;
6. Ocorrência na comunidade: informa sobre a quantidade de unidades da espécie na comunidade, de acordo com o levantamento do inventário;
7. Porte: a altura máxima que a planta atinge.
8. Raízes: informa sobre a agressividade da raiz em relação ao solo/piso.

Os atributos destacados estão diretamente relacionados às pesquisas feitas para o preenchimento das tabelas do inventário. Eles informam as principais características necessárias para um entendimento básico sobre a planta e também sobre a relação com a comunidade (ver Apêndice 06).

A pontuação das cartas foi definida de acordo com a observação dos atributos elencados a partir das informações sobre cada planta e a comparação entre as espécies contidas nas tabelas do inventário. Cada atributo possui uma regra de pontuação, no entanto, é importante ressaltar que estas regras são flexíveis e devem considerar os saberes e a autonomia da comunidade ao propor novas cartas para novas espécies mapeadas. Nesse sentido, a explicação a seguir serve como orientação para a pontuação das cartas do jogo.

Em relação ao atributo “Sombreamento”, as plantas de porte pequeno produzem pouca sombra, podemos considerar, portanto, uma margem de 0 a 5 pontos na carta para esse tipo de vegetal. As plantas de médio e grande porte podem ter pontuação de 6 a 10, conforme o tamanho da sombra que produzem. Nessas condições, deve-se observar o hábito vegetal de cada espécie: uma planta arbustiva terá pontuação menor para este atributo do que uma planta herbácea, que apesar de não ter porte de árvore, produz sombra. Deve-se levar em consideração também as espécies de árvores e palmeiras que

atingem grande altura, mas que não possuem uma copa robusta, capaz de preencher um grande espaço com sua sombra, como é o caso dos coqueiros, por exemplo. Estas podem perder pontos em favor de árvores com copas mais cheias.

O atributo “Alimento” só pode ser pontuado com nota 0 ou 10, a definição é simples: se a planta dá frutos comestíveis pontua com 10 e se não os produz, não pontua. A mesma regra serve para o atributo “Raízes”, que considera a agressividade da espécie com o solo.

A pontuação do atributo “Uso medicinal” é definida pela quantidade de usos possíveis para rituais e tratamentos medicinais que a planta possui. Quanto mais usos para esta finalidade, mais pontos, considerando que a pontuação máxima é 10, mesmo que haja mais de 10 finalidades para a espécie. A mesma regra de pontuação serve para o atributo “Matéria-prima (artesanato)”.

O atributo de “Toxicidade” também deve levar em consideração as tabelas de informações técnicas e de relação com a comunidade, podendo compreender uma pontuação de 0 a 5 para plantas com baixo nível de toxicidade e pontuação 6 a 10 para plantas com nível elevado de toxicidade. Esses níveis podem ser medidos de acordo com o potencial dano que causam aos seres humanos e aos animais, considerando a gravidade e por quanto tempo persistem as sequelas da ingestão ou contato com folhas, flores e frutos.

A “Ocorrência na comunidade” é um atributo medido a partir da observação do mapa de espécies, no entanto, é também um atributo que sofre modificações ao longo dos ciclos dos vegetais. Nesse caso, para pontuar cada espécie com esse atributo, é importante levar em consideração a afetividade e a relação da comunidade com cada planta. Espécies mais presentes na paisagem coletiva da comunidade pontuarão mais alto do que espécies que ocorrem nos espaços intra-lotes. O atributo do “Porte” deve levar em consideração a altura que as plantas atingem. Se uma planta chega a 8 metros de altura, ela terá pontuação 8, já uma espécie que chega somente a 50cm terá pontuação 0,5.

É importante ressaltar que os dados contidos nas cartas apresentadas neste trabalho, levam em consideração a pesquisa feita no momento da construção do

inventário. Sua utilização pode ser alterada ao longo dos processos participativos com o preenchimento de cartas coringa pela própria comunidade (ver Figura 18).

Figura 18 - Carta coringa do jogo. Fonte: Acervo da equipe (2022).

As regras do jogo são dinâmicas e podem mudar conforme o tipo de investigação que se pretende sobre as melhores opções para os espaços públicos da comunidade. Um exemplo de dinâmica seria em forma de competição entre cartas de espécies do mesmo hábito vegetal. No caso da escolha de uma espécie para compor um espaço de estar que precisa ser sombreado, a batalha entre as cartas favorece a que tiver maior pontuação neste atributo. Se a ideia é montar uma horta comunitária, as cartas com maior valor de atributos para uso medicinal e alimento, seriam as ganhadoras.

Ainda assim, as regras tradicionais são permitidas e incentivadas, já que a atividade lúdica é capaz de provocar a assimilação das informações de forma mais espontânea e conseqüentemente educativa sobre a paisagem local.



Figura 19 - Modelos de carta por tipo de vegetação. Fonte: Acervo da equipe (2022).

CAPÍTULO 6

CONCLUSÕES

A escolha pelo inventário como base para a estruturação das propostas deste trabalho, coloca em foco não só os saberes técnicos e a pesquisa bibliográfica, mas também revigora o valor dos saberes populares e que, no caso da Vila do Amanhecer, perpassam as gerações. Ficou claro que esta noção de responsabilidade com o meio ambiente é presente na comunidade e que o inventário é mais um instrumento para tornar estes conhecimentos perenes.

Ainda que a proposta da Fitoteca não empregue todas as funções originárias de um herbário, com pesquisas que envolvem profissionais da botânica, da taxonomia e floristas, a ideia de uma fitoteca popular tem apreço por um conhecimento diretamente relacionado e aplicável ao lugar, desta forma, incluindo e conduzindo esta população a reconhecer e compartilhar os seus saberes. Reconhece assim a importância do registro do saber da população, tanto para a academia como para a valorização da própria comunidade e sua paisagem. A ferramenta do processo participativo amplia o reconhecimento de uma identidade local, já que coloca os atores como protagonistas da construção de um produto vivo e dinâmico como é a natureza em si e que é capaz de envolver toda a comunidade nos resultados.

O jogo fecha as propostas advindas do inventário, como suporte para possíveis intervenções, entendendo-o como um complemento em formato lúdico para as associações dos dados e da realidade da paisagem local.

A ideia de autonomia para a construção coletiva das cidades não é presente no planejamento urbano moderno, ainda que haja muita reivindicação de movimentos e grupos sócio-espaciais¹² para que isso ocorra, especialmente no âmbito da luta por moradia (KAPP E BALTAZAR, 2021). Inverter esta lógica a partir da inserção dos saberes

¹² Segundo Sllke Kapp e Ana Baltazar (2018), a definição de grupos sócio-espaciais surgiu na busca por contemplar não somente os movimentos sociais, cooperativas, associações, coletivos e similares ligados à construção do espaço urbano coletivo, mas também grupos não organizados formalmente, mas para os quais o espaço é constitutivo e que, inversamente, produzem espaço.

locais nos processos de projeto e de tomada de decisão sobre a cidade é urgente, principalmente se pretendemos construir espaços públicos mais adequados e por consequência, transformar positivamente a vida urbana.

Kapp e Baltazar (2021) defendem justamente que o planejamento urbano moderno não deve ser capitaneado somente pelos órgãos públicos competentes, e sim, incluir os atores que serão diretamente afetados pelas mudanças propostas para o espaço urbano, especialmente em comunidades e locais com escala de bairro.

Os debates sobre participação e autonomia são especialmente relevantes para o âmbito em que os limites entre planejamento e desenho tendem a perder a nitidez: o âmbito microlocal de vizinhanças, onde qualidades próximas são mais importantes do que estruturas abrangentes, onde espaços podem ser “intensa e diretamente experienciados na vida cotidiana”, onde moradores podem se comunicar pessoalmente, e onde participação direta ou autonomia são mais factíveis. (...) John F. C. Turner, defendeu a “autonomia no ambiente construída”: autogestão dos assuntos locais, liberdade para famílias e pequenos grupos construírem o que quiserem, economia e simplicidade de instrumentos, e finalmente, a ideia de que o ambiente construído deve ser planejado, mas não desenhado, mesmo no âmbito microlocal. (KAPP E BALTAZAR, 2021, p. 441)

Nesse sentido, o projeto apresentado dialoga com a ideia de que os grupos socioespaciais situados em pequenos bairros e comunidades são capazes de gerar e reconhecer sua própria identidade através do exercício cotidiano de cuidado com o ambiente natural e com a paisagem. Como mostrado ao longo do trabalho, a Vila do Amanhecer já possui uma forte característica colaborativa muito presente entre os membros da comunidade voltada para a resolução dos mais diversos problemas do espaço urbano. As propostas somam com o ideal de planejamento através da observação da paisagem natural, preservação das espécies vegetais e disseminação dos saberes populares e do conhecimento técnico combinados.

Ainda que a implementação dos produtos não dependam uns dos outros para sua concretização, acreditamos que o uso conjunto das propostas potencializa o aproveitamento das informações no planejamento urbano, encoraja um maior engajamento da comunidade no tema da preservação e é capaz de contribuir para intervenções orientadas tanto pelo saber acadêmico e técnico como pelos saberes populares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DAS ABELHAS. **Caju**. Abelha, 2021. Disponível em: <https://abelha.org.br/hortifrutis-da-estacao-caju/>. Acesso em: 13 de setembro de 2022;

BRASIL ESCOLA. Criação de um herbário na escola. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/criacao-um-herbario-na-escola.htm>. Acesso em: 02 de setembro de 2022.

CANOVAS, Raul. *Clitoria fairchildiana*. **Jardim Cor**, 2021. Disponível em: <http://www.jardimcor.com/catalogo-de-especies/clitoria-fairchildiana/>. Acesso em: 14 de setembro de 2022;

CARRICONDE, Celerino. **Introdução ao uso de fitoterápicos nas patologias de APS**. Centro Nordestino de Medicina Popular: Olinda, 2002;

CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. **Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas Região Américas** (IFLA-AR), Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM-A). Cidade do México, 28 set. 2018. Disponível em: . Acesso: 28 de setembro de 2022;

CENEVIVA, Paulo. **Estação do ano e a produtividade do morango?** ESALQ Jr. Consultoria. Disponível em: <https://www.esalqjuniorconsultoria.com/como-estacao-afeta-produtividade-orango/#:~:text=Dev%20ido%20a%20isso%20h%C3%A1%20um,uma%20alta%20produtividade%20do%20morango>. Acesso em: 14 de setembro de 2022;

CESÁRIO, Lorena; GAGLIONE, Maria Cristina. **Polinizadores de Schinus terebinthifolius RADDI (Anacardiaceae) em formações vegetacionais de Restinga no norte do estado do Rio de Janeiro**. V. 29, n. 2, p. 458-467. Uberlândia, 2013;

CHUQUER, Felipe. **Planta Vida: quando botânica e cultura se encontram...** PROJETO PLANTA VIDA, 2019. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1402-planta-vida-quando-botanica-e-cultura-seencontram#:~:text=A%20etnobot%C3%A2nica%20nada%20mais%20%C3%A9,sociedades%20humanas%20e%20as%20plantas> Acesso em: 27 de setembro de 2022;

Duque, Yelitza López. **Teoria da atividade aplicada ao uso de jogos: um estudo de caso no Museu de Minerais e Rochas**. Recife, 2016.

Elkonin, D. B. (1998). **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes.

EMBRAPA. **A cultura do mamão / Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical**. 3. ed. rev. ampl. – Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2009;

EMBRAPA. **Mamão : o produtor pergunta, a Embrapa responde** / Jorge Luiz Loyola Dantas, Davi Theodoro Junghans, Juliana Firmino de Lima, editores técnicos. 2 ed. Brasília, DF: Embrapa, 2013;

EMBRAPA. **Polinizadores nativos da palma de óleo: seleção, identificação, especificidade e déficit de polinização do híbrido interespecífico (HIE)**, 2016. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/207129/polinizadores-nativos-da-palma-de-oleo-selecao-identificacao-especificidade-e-deficit-de-polinizacao-do-hibrido-interespecifico-hie>. Acesso em: 13 de setembro de 2022;

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Prateleira Ambiental: Herbário**. Site oficial de Infraestrutura e Meio Ambiente, 2021. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/herbario/>. Acesso em: 26 de setembro de 2022;

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1971

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - IAB. **Caderno de ferramentas: soluções de primeira infância em espaços públicos e modos ativos de deslocamento em Aracaju**. 1 ed. Brasília: Editora IAB, 2021. 190 p.

KAPP, Silke e BALTAZAR, Ana Paula (eds). **Moradia e outras Margens - Vol. 1**. Belo Horizonte, 2021.

LIMA, Gabriel. **O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Unidade acadêmica especial de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Goiás. Goiás, 208 p. 2022;

LIMA, José Luciano *et al.* **Plantas medicinais de uso comum no nordeste do Brasil**. CEDAC: Campina Grande, 2006;

MENDONÇA, Gerbson. **Polinização entomófila do coqueiro (Cocos nucifera L.)**. Tese (doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo. São Paulo, 62 p. 2002; MUSEU NACIONAL. **Horto Botânico**. Site oficial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/hortobotanico/arvoresearbustos/clitoriafairchildiana.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2022;

PATZLAFF, Rubia; PEIXOTO, Ariane. **A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo**. História, Ciência e Saúde: Rio de Janeiro, 2009;

REDAÇÃO PARAÍBA JÁ. **Prefeitura de Conde inicia processo de regularização fundiária da Comunidade Vila do Amanhecer**, 2018. Disponível em: <https://paraibaja.com.br/prefeitura-de-conde-inicia-processo-de-regularizacao-fundiaria-da-comunidade-vila-do-amanhecer/>. Acesso em: 20 de setembro de 2022;

ROCHA, Natália. **Avaliação in vitro das propriedades biológicas do extrato de sementes de Eschweilera ovata (CAMBESS.) MIERS.** Dissertação (mestrado) - Programa de Pós Graduação em Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 79 p, 2021;

RODRIGUES, João Barbosa. **Mbaé Kaá: o que tem na mata: Tapyiyeta Enoyndaú: a botânica nomenclatura indígena.** 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

SALVIATI, Eurico. **Paisagem ambiente: Ensaio.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ed. n. 1 (1994) . São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1986;

SILVA, Maria das Graças (Org.); DINIZ, Margareth (Org.); OLIVEIRA, Rinalda (Org.). **Fitoterápicos: Guia do profissional de saúde.** Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba. João Pessoa, 2002;

SILVA, Taís. **Vegetação e imaginário urbano: O papel da vegetação urbana na construção do laço afetivo entre a sociedade e a paisagem urbana.** ENANPUR Natal 2019, 2019;

SOARES, Érika. Programa Chão de Direito da Prefeitura de Conde entrega escrituras dos terrenos aos moradores da Vila do Amanhecer. **Polêmica Paraíba**, 2019. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/cidades/conde/programa-chao-de-direito-da-prefeitura-de-conde-entrega-escrituras-dos-terrenos-aos-moradores-da-vila-do-amanhecer/>. Acesso em: 27 de setembro de 2022;

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Horto didático de plantas medicinais do HU/ CCS.** Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/moringa/>, 2020. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/vigotski/#alguns-conceitos>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

Apêndice 01

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

#	Código	Nome Popular	Nome científico	Porte	Origem	Floração	Frutificação	Toxicidade	Polinizadores e Fauna Local	Tipo de vegetação
1	PAL01	Dendê	<i>Elaeis guineensis</i>	15 a 20 m	Sul da África	Todo o ano	Todo o ano	Não	Insetos e besouros. Atrai caranguejos e goiamuns	Palmeira
2	ARV01	Caju roxo	<i>Anacardium occidentale L.</i>	até 10 m	Brasil	Junho a outubro	Agosto a janeiro	Sim. Ação cáustica e corrosiva do óleo da castanha pode provocar lesões na pele.	Abelhas/ Sagui	Árvore
3	HER01	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>	até 1 m	América Latina	Todos os meses exceto junho, julho e dezembro	-	Sim. Utilizar na dose recomendada	Insetos e besouros	Herbácea
4	ARV02	Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia Raddi</i>	15 a 20 m	América do Sul	Principalmente em setembro	Dezembro e janeiro	Sim. Resina e frutos.	Abelhas	Árvore
5	PAL02	Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i>	até 30 m	Sudeste da Ásia	Dezembro a março (verão)	Todo o ano	Não	Abelhas, paássaros e beija-flor	Palmeira
6	ARV03	Cajueiro	<i>Anacardium occidentale L.</i>	até 12 m	Brasil	Junho a outubro	Agosto a janeiro	Não	Abelhas e Sagui	Árvore
7	ARV04	Mangueira	<i>Mangifera indica</i>	até 30 m	Sul e sudeste da Ásia	Junho a setembro (hemisfério sul)	Novembro a fevereiro		Besouros/ insetos e Sagui	Árvore
8	HER02	Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Até 0,90 m	Sul da Europa e Mediterrâneo	Dezembro a março (verão)	Setembro e outubro		Besouros/ insetos	Herbácea
9	HER03	Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	até 1,5 m	Índia	Rara	-	Não	-	Herbácea
10	HER04	Cidreira	<i>Lippia alba (Mill.) N.E. Br.</i>	até 1,5 m	Regiões da Europa e Ásia	Junho a setembro	-	Não	Abelhas	Herbácea
11	HER05	Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i>	até 2,5 m	Ásia	Todos os meses exceto julho e dezembro	-	Não	Abelhas	Herbácea

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

12	HER06	Mamoeiro	<i>Carica papaya L.</i>	até 8 m	América Central	Inicia-se com 3 a 4 meses de idade	nono mês após o plantio	Sim, o látex. Este vai diminuindo quando o mamão vai amadurecendo	Fauna em geral	Árvore
13	ARV05	Baba Tenon	<i>Stryphnodendron Adstringens</i>	5 a 7 m	Brasil	Setembro	-	Sim. Hepatotóxica e nefrotóxica	Besouros/ insetos	Árvore
14	HER07	Babosa	<i>Aloe vera</i>	até 2 m	África	Junho a setembro (inverno)	-	Sim. Recém cortada a folha, sairá um líquido amarelado que tem toxicidade.	Abelhas, borboletas e beija-flor	Herbácea
15	HER08	Urtiga Branca	<i>Urtica dioica</i>	até 60 cm	Europa e Ásia	Dezembro a março (verão)	-	Sim. Folhas urticantes	-	Herbácea
16	ARV06	Cacaueiro	<i>Theobroma cacao</i>	5 a 8 m	América Central e do Sul	Duas vezes no ano dezembro e abril	abril a setembro	-	Besouros/ insetos	Árvore
17	ARV07	Laranjeira Cravo	<i>Citrus reticulata</i>	até 10 m	Sudeste da Ásia	Após estação fria	Março a junho	-	Abelhas	Árvore
18	HER09	Bananeira	<i>Musa paradisiaca, L.</i>	6 a 7,5 m	Sul da China	Todo o ano	Todo o ano	Não		Herbácea (com porte arbustivo)
19	HER10	Cana-de-Açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>	3 a 6 m	Ilha de Nova Guiné	Depende da época de plantio	Depende da época de plantio	Não	Besouros/ insetos e abelhas. Atrai capivaras	Herbácea
20	HER11	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	0,30 a 0,40 m	região leste do mediterrâneo e oeste da Ásia		-	-	Besouros/ insetos e borboletas	Herbácea
21	HER12	Melissa	<i>Melissa officinalis</i>	0,30 a 1 m	Regiões da Europa e Ásia	Primavera e verão	-	Não		Herbácea
22	ARV08	Limoeiro	<i>Citrus limon</i>	4 a 6 m	Sul da Ásia	setembro e outubro	abril a julho		Abelhas	Árvore
23	ARV09	Jambeiro	<i>Syzygium jambos</i>	10 a 15m	Indonésia e ilhas próximas, Índia e Malásia;	Setembro a dezembro	Dezembro a Março	Não	Abelhas e morcego	Árvore
24	ARV10	Imbiriba	<i>Eschweira ovata</i>	23m	Brasil (Espírito Santo até Pernambuco)	Setembro a dezembro	Março e Junho e de Fevereiro a Abril na Bahia	-	Morcegos	Árvore
25	ARV11	Sombreiro	<i>Clitoria fairchildiana</i>	10 a 15m	Brasil	Verão e outono	Maior a julho	-	Abelhas	Árvore

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

27	HER13	Carrapateira (mamona)	Ricinus communis	2,50 a 3,50 m	Ásia Meridional	Depende da época de plantio	Depende da época de plantio	Sim (semente)		Herbácea a semiarbustiva
28	ARV12	Acácia	Acacia Mangium	30m	Australásia e ilhas do Pacífico	Todo o ano	5 a 7 meses após floração	Sim	Abelhas	Árvore
29	ARV13	Laranjeira	Citrus sinensis	8m	Índia e Sudeste asiático	Setembro a dezembro	Março a junho	Não	Abelhas (polinizadores)	Árvore
30	ARV14	Limão Galego	Citrus x limonia	5 a 6m	Índia	Agosto a setembro	Março a setembro	Não	Abelhas e beija-flores (polinizadores)	Árvore
31	ARV15	Goití	Licania tomentosa	8 a 15m	Mata Atlântica	Junho a agosto	Janeiro a março	Não	Fauna em geral	Árvore
32	ARB01	Macaxeira	Manihot esculenta	até 3 m	América do Sul	seis semanas após o plantio	-	Sim, se crua	Abelhas	Arbusto
34	ARV16	Umbu-Cajá	Spondias bahiensis P. Carvalho	4 a 8 m	Nordeste brasileiro	Novembro e dezembro	Fevereiro a março	Não	Abelhas	Árvore
35	FOR01	Morangueiro	Fragaria x ananassa	10 a 20 cm	Cultivada	Depende da época de plantio	60 a 80 dias após plantio	Não	Abelhas	Herbácea (tipo forração)
36	ARV17	Laranja Mimo	Citrus sinensis	até 4 m	China	Setembro a dezembro	Março a junho	-	Abelhas	Árvore
37	ARV18	Pitangueira	Eugenia uniflora	6 a 12 m	Nordeste a sul brasileiro	Agosto a Novembro	Outubro a Janeiro	Não	Abelhas	Árvore ou Arbusto
38	ARV19	Pinha	Annona squamosa	4 a 6 m	América Central	Setembro a novembro	Janeiro a maio		Besouros/ insetos	Árvore
39	HER14	Hortelã	Plectranthus amboinicus Lour	0,30 a 0,40 m	Europa	Junho a setembro	-	Baixa toxicidade	Abelhas	Herbácea
40	HER15	Boldo	Peumus boldus	0,12 a 0,15 m	Chile	julho a novembro	-	Sim. Em doses elevadas, pode causar irritação gástrica	Abelhas	Herbácea
41	ARV20	Moringa	Moringa oleifera	até 12 m	Norte da Índia	6 meses após plantio	-	Possível toxicidade	-	Árvore

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS							
Código	Imagem	Tronco/ caule	Copa	Folha	Flor	Fruto	Raízes
PAL01		Espesso, escuro, sem ramificações e marcado de cicatrizes deixadas por folhas antigas	Em seu ápice, prende-se um tufo de folhas que protege a sua única gema apical	Parecidas com uma pluma, levemente arcadas, de 3-4 m de comprimento, distribuídas no topo da árvore em número de 30 por coroa. A base das folhas contém espinhos curvados nas margens.	Pequenas, creme-amareladas, reunidas em espigas que se sustentam em curtos cachos, fixados próximos ao tronco, sob a base das folhas. As flores masculinas e femininas são produzidas separadamente na mesma planta.	Oval, liso, duro e brilhante, do tamanho de uma azeitona pequena, nasce em cachos, na cor preta e quando está maduro alcança uma cor que varia entre o amarelo forte, o alaranjado e o vermelho rosado.	Fasciculadas, estipe ereto e sem ramificações
ARV01		Tronco tortuoso, madeira forte, leve e de longa durabilidade, colocação arroxeadada	Frondosa e alta	Simples. Folhas glabras, de cor rósea quando jovens, de 8-14cm de comprimento por 6-8cm de largura.	Pequenas, perfumadas, de cor vermelho-púrpura dispostas em penícolas terminais	Castanha do tipo aquênio, reniforme. O caju é o pendúnculo floral, sendo o pseudo-fruto carnoso	A raiz principal é giratória e afunda a grande profundidade; as raízes laterais, muito desenvolvidas, freqüentemente se estendem para longe da árvore
HER01		Ramificada, de cheiro forte e característico	-	Alongadas, de tamanhos diversos, e as menores ficam localizadas na parte superior da planta	São pequenas, de coloração esverdeada e dispostas em espigas axilares densas	Produce sementes pretas, brilhantes e ricas em óleo	Crescimento secundário formado por uma sucessão de arcos cambiais
ARV02		Casca cinzento-escura e áspera	Formato ovóide com ramos desenvolvidos	Pubescentes quando novas, folíolos sésseis	Flores pequenas, amarelo-pálidas	Pequena drupa carnosa de cor avermelhada	Pivotante e profunda, com abundantes raízes superficiais
PAL02		É do tipo estipe, não ramificado, muito desenvolvido e bastante ramificado	Em seu ápice, prende-se um tufo de folhas que protege a sua única gema apical	É do tipo penada, sendo constituída pelo pecíolo, que continua pelo raquis onde se prendem numerosos folíolos. Uma folha madura possui comprimento variável. O comprimento e o número de folíolos varia de acordo com a idade do coqueiro	Paniculadas e axilares, protegidas por brácteas grandes, chamadas espatas. A espata, ao complementar seu desenvolvimento, abre-se, libertando a inflorescência, que é formada pelo pedúnculo, espigas e flores. Cada espiga possui flores masculinas e numerosas flores femininas.	É uma drupa. É formado por epiderme lisa ou epicarpo, que envolve o mesocarpo espesso e fibroso, ficando mais para o interior uma camada muito dura, o endocarpo	Sistema radicular fasciculado e produz, a partir da base do seu tronco, durante toda sua vida, raízes primárias (mais grossas), que possuem pequena capacidade de absorção de água e nutrientes, exercendo, principalmente, a função de fixação da planta no solo
ARV03		Tronco tortuoso, madeira forte, leve e de longa durabilidade	Frondosa e alta	Simples. Folhas glabras, de cor rósea quando jovens, de 8-14cm de comprimento por 6-8cm de largura.	Pequenas, perfumadas, de cor vermelho-púrpura dispostas em penícolas terminais	Castanha do tipo aquênio, reniforme. O caju é o pendúnculo floral, sendo o pseudo-fruto carnoso	Laterais distribuídas horizontalmente em toda a sua periferia e uma raiz pivotante bifurcada logo abaixo da superfície. Raízes verticais são emitidas ao longo das raízes laterais, principalmente na profundidade entre 15 cm e 50 cm de profundidade
ARV04		É largo, e apresenta casca escura, rugosa e látex resinoso	Densa, perene e muito frondosa	Simples, alternas, lanceoladas, coriáceas, de cor verde-escura quando desenvolvidas e violácea quando em desenvolvimento	São pequenas e rosadas, hermafroditas ou unissexuais	Têm formato oval com coloração verde ou vermelho, com manchas amarelas ou vice-versa. Polpa amarela cheia de fibras, sabor doce, quando maduro	Pivotante, que pode se aprofundar bastante no solo, proporcionando uma boa sustentação à planta e possibilitando a sobrevivência em períodos prolongados de estiagem

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER02		Planta aromática e muito ramificada	-	Compostas, pinadas, difoliolos lisos e de cor verde-azulada	Pequenas, amarelas, dispostas em corimbos terminais	É uma cápsula, com quatro ou cinco lobos, que se abrem, quando maduros, na porção superior ou ao longo do fruto originando quatro ou cinco valvas	Adventícia e diarca, ou seja, apresenta dois pólos de protóxilema
HER03		Aromática, cespitosa	-	São longas e de coloração verde clara e apresentam margens cortantes	Raras, estéreis e sem sementes	-	Fibrosas, escuras e numerosas, partindo dos rizomas, colmos em tufos eretos e folhosos
HER04		Aromática, muito ramificada, ramos finos, esbranquiçados, arqueados, longos e quebradiços	-	Inteiras, opostas, ásperas, de bordos serrados e de ápice pontiagudo	Coloração azul-arroxeadas, dispostas em inflorescências axilares e capituliformes	.	Axial, fasciculada, com mais ou menos 25 cm de comprimento
HER05		Aromática, rizomatosa e agrupa-se em touceiras	-	Longas, largas e de extremidade pontiaguda	São campanuladas, de coloração rósea e esbranquiçada, dispostas em inflorescências pendentes	-	
HER06		É cilíndrico, oco e possui grandes folhas na região apical	Pequena e pontual	são glabras (sem pelos) e podem apresentar um limbo de cerca de 50 centímetros. O pecíolo é longo, apresentando cerca de 50 a 70 cm de comprimento.	Pode apresentar flores femininas, masculinas ou flores hermafroditas.	É carnoso e do tipo baga, com casca fina e coloração que varia do amarelo-claro à laranja e polpa comumente amarela ou alaranjada. No interior do fruto, há uma cavidade central que contém várias sementes.	Área de pequeno diâmetro ao redor do tronco
ARV05		Tronco cascudo e tortuoso. A casca do seu tronco é rugosa e sem espinhos e é revestido por córtex espesso	Alongada	Bipinadas, grandes, compostas, alternas e com bases assimétricas	Em espigas, amarelas, pequenas e numerosas	Vagem cilíndrica indeiscentes, de colocaração escura e nasce diretamente no caule	
HER07		Caule curto	-	Grossas, carnosas e suculentas, dispostas em rosetas presas ao caule	Coloração amarelo-esverdeadas, tubuladas, pendentes em espigas terminais de hastes simples	-	Raiz principal de 5 a 10 cm, raízes secundárias e terciárias, formando assim um conjunto de raízes entouceiradas
HER08		Aroma forte e desagradável	-	Dentadas não urticantes	Labiadas e brancas	-	
ARV06		De 20 a 30 centímetros de diâmetro, revestido por casca com ritidoma lenticelado (como verrugas), de coloração pardo-amarronzado	Ramos se esgalham, formando grande copa e frondosa	São alternas, com pecíolo curto, ovais, acuminadas, inteiras, com nervura pinada e discolor	Possuem pétalas brancas, amarelas ou róseas, sésseis, pentâmeras, cálice gamossépalo, corola dialissépala	É uma baga ovoide, de cor amarela, variando até o vermelho-escuro, coriáceo-cartilaginoso, sulcado, quase liso e verrucoso	Pivotante ou espigão, que pode atingir entre um e dois metros de profundidade, dependendo da estrutura do terreno. As raízes secundárias ou superficiais, nos primeiros 30 cm de solo
ARV07		Fino, de casca lisa, de coloração marrom-acinzentada a esverdeada, e dotado de espinhos flexíveis, de 2,5-8 cm de comprimento	Compacta	Ovais, sustentadas por pecíolos alados, perfumadas, verde-escuras na face superior, e verde-claras na face inferior, também marcada por pontos pretos, por glândulas, que liberam óleo quando maceradas	Brancas e perfumadas, de 2-4 cm de diâmetro, de 5 pétalas oleosas e 20-25 estame	Subgloboso, de casca alaranjada, espessa, áspera e oleaginosa, dotado de muitas sementes e de uma polpa sucosa, de sabor azedo a amargo, revestida por um tecido branco e esponjoso, conhecido por "albedo", e dividida em 10-14 segmentos, separados por uma membrana fina	Pivotante ou axial, onde a raiz primária é originada da radícula do embrião e forma claramente uma única raiz principal que penetra verticalmente no solo

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER09		Falso caule (pseudocaulis) é formado pela união das bainhas (bases) das folhas	Centro da copa surge a inflorescência, de onde surgirão os frutos. A multiplicação da bananeira se processa, naturalmente no campo, por via vegetativa, pela emissão de novos rebentos.	Longas e largas; formadas por bainha foliar, pseudopétiolos ou pecíolo, nervura e limbo foliar.	Flores em cachos se formam a partir do coração da planta	É alongada, tem casca mole e polpa carnosa (que varia de cor, dependendo da espécie)	São codiformes, brancas e tenras, mas amarelecem e endurecem ligeiramente com o tempo
HER10		O colmo é o caule das gramíneas. É caracterizado por nós bem marcados e entrenós distintos. É responsável pela sustentação das folhas e das panículas e seu porte pode ser ereto, semiereto ou decumbente, dependendo da idade da planta.	-	constituída pela lâmina foliar, bainha e colar. Ao longo de todo o colmo, especificamente na região nodal, a folha é ligada a ele, onde forma duas fileiras opostas e alternadas.	Muito pequenas formam espigas florais agrupadas em panículas e rodeadas por longas fibras sedosas, congregando-se em enormes pendões terminais de coloração cinza-prateada	Resultante da fecundação da flor de cana-de-açúcar tem dimensões aproximadas de 1,5 x 0,5 mm, apresentando uma depressão na região do embrião	São fasciculadas ou em cabeleira, podendo atingir até 4 m de profundidade
HER11		Herbácea ereta, anual, ramificada, aromática	-	Compostas bipinadas, as basais dentadas divididas em segmentos largos e irregulares (como as da salsa), e as folhas superiores finamente divididas e muito mais numerosas. Possui cheiro forte	Pequenas, brancas, dispostas em umbelas terminais acima da folhagem	são aquênios estriados, arredondados, acastanhados, medindo 3-5 mm de diâmetro, contendo duas sementes, uma em cada aquênio. Multiplica-se apenas por sementes	Finas e delicadas
HER12		Aromática, muito ramificada, ramos finos, esbranquiçados, arqueados, longos e quebradiços	-	São verde-escuras na parte superior e verde-claras na parte inferior	Flores pequenas, delicadas, de cor amarelo clara a lilás	São do tipo aquênio, oblongos e pardacentos	
ARV08		Muito ramificados, de caule e ramos castanho-claros, recobertos de espinhos longos e pontiagudos	Aberta e arredondada	São elípticas a lanceoladas, verdes e coriáceas, dispostas alternadas	Inflorescências surgem em cachos e são compostas de flores axilares, alvas ou róseas, muito perfumadas e atrativas para as abelhas	De formato arredondado, de casca fina, lisa ou rugosa, e coloração verde ou laranja, apresentam polpa translúcida e sabor ácido	Delicada e sensível; diâmetro entre 2 e 5 mm
ARV09		Retilíneo com casca rugosa, pardo-acinzentada	Densa com formato cônico	Opostas, pecioladas, elípticas, grande e glabras	4 pétalas pequenas de cor vermelho-intenso. O que mais se destaca nela é a grande quantidade de estames vermelhos. As flores nascem nas partes desfolhadas dos galhos (cauliflora), podendo ser observadas apenas no interior da copa.	Drupa elipse, chegando a 8 cm de comprimento, com coloração vermelha, roxa, amarela, branca e rosa, apresenta epicarpo fino e delicado, polpa succulenta e branca de aspecto esponjoso	Raiz primária é longa e esbranquiçada. As raízes secundárias são curtas e filiformes
ARV10		Reto e cilíndrico, de 40-60 cm de diâmetro, revestido por casca grossa com fissuras longitudinais superficiais	Densa e regular	Elípticas, sem pelos em nenhuma das faces, consistência de couro, têm entre 8 e 10 pares de nervuras laterais em cada folha	Amarelas a brancas, muito perfumadas, com 6 pétalas e estame em forma de capuz. Sustentam-se sobre um eixo alongado, geralmente sem ramificação, como uma espiga.	Seco, tipo cápsula, que se abre quando maduro liberando, pela força da gravidade, entre 1 e 4 sementes	Parte do hipocótilo, com raiz principal, secundárias e terciárias

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

ARV11		Ereto e lenhoso	Frondosa e densa	São compostas trifolioladas; verde intenso e opaco no dorso	Em forma de grandes cachos pendentes, com tonalidades entre o rosa e o violáceo, atraí abelhas apenas na parte da manhã, quando produz o néctar, mas as flores permanecem abertas o resto do dia, perfumando o local	É uma vagem verde e marrom-clara quando madura, característica da família, com 4 a 16 sementes	Superficiais
HER13		É único, ereto e lenhoso em sua base, ramificando antes do final do primeiro ano de crescimento	Pequena e pontual	São brilhantes, alternas, palmadas, profundamente lobadas, com margens dentadas e sustentadas por longos e fortes pecíolos	Inflorescências terminais do tipo panícula. As flores femininas são geralmente na cor verde, ou de tonalidades avermelhadas, sem pétalas. As flores masculinas são amarelo esverdeadas, com estames na cor creme	São cápsulas globosas, com três sementes cada, recobertas de espinhos e podem ser verdes ou avermelhadas, de acordo com a cultivar	Constituída por três tecidos bem definidos: a epiderme, córtex, composto por tecido de células parenquimáticas e sistema vascular, com medula na sua porção central
ARV12		Ereto, coloração cinza-pardo, casca pouco saliente e levemente sulcado longitudinalmente	Ovalada com folhagem densa	Simple e alternas, ramos verdes e alados, dispostos espiraladamente, ovalado-lanceoladas ou ovaladoalongadas, largas, coriáceas, de pecíolo curto, ápice alongado, com nervuras salientes partindo da base	Amarelas dispostas em cachos longos e fartos	Em forma de vagem torcida	Pivotante, sem enovelamento ou tortuosidade da parte aérea, com diâmetro do coleto acima de 2 mm, uniforme e rústica
ARV13		Tronco com casca acinzentada	Muita ramificada de copa densa com forma arredondada	São ovais, de textura coreácea, borda lisa, cor verde intensa, exalando perfume quando esmagadas e raramente tem espinhos nos ramos	Pequenas, brancas, perfumadas, polinizadas por abelhas que produzem mel de ótima qualidade com elas	Globosos, arredondados, coloração verde a laranja e casca com óleo perfumado, a polpa é aquosa com coloração amarela ou alaranjada	Pivotante ou axial, onde a raiz primária é originada da radícula do embrião e forma claramente uma única raiz principal que penetra verticalmente no solo
ARV14		Caule e ramos castanho-claros, recobertos de espinhos longos e pontiagudos	Aberta e arredondada	São elípticas a lanceoladas, verdes e coriáceas, dispostas alternadas	Inflorescências surgem em cachos e são compostas de flores axilares, alvas ou róseas, muito perfumadas e atrativas para as abelhas	Amarelos, de formato oblongo com saliências nas extremidades e apresentam casca espessa	Delicada e sensível; diâmetro entre 2 e 5 mm
ARV15		É ereto e geralmente apresenta casca cinzenta e fuste curto, ramificando em seguida	É globosa, bem formada e cheia, produzindo excelente sombra e efeito ornamental	São simples, alternas, elípticas a oblongas, acuminadas, brilhantes, tomentosas, de margens inteiras e nervura central bem marcada. Elas são amarelo claras quando novas e tornam-se verdes escuras com a maturação	Suas inflorescências tem pouca ou nenhuma importância ornamental. Elas são do tipo rácemo, axilares, com flores pequenas, de cor creme ou branca	É uma drupa carnosa, elipsóide, perfumada, de casca amarela quando madura e polpa pegajosa e fibrosa, com semente grande e dura	São profundas e não agressivas
ARB01		Caule e ramos de coloração pardo-avermelhada e, em geral, nodosos	-	São verdes ou vermelho-arroxeadas	Masculinas e femininas na mesma inflorescência. As flores femininas, do mesmo cacho, sofrem a antese 10 dias antes das masculinas	Triloculado (três cavidades/divisões) e deiscente	Tuberosa, as quais têm formato cilíndrico ou cônico e cor marrom-claro, sendo o tecido interno branco ou amarelado
ARV16		Tronco único com ramos menos tortuosos e casca de textura suave	Grande e frondosa, formando grande sombreiro	São compostas, com as margens dos folíolos curvadas na base em direção à superfície abaxial, com a presença de tricomas flexíveis que ocorrem ao longo da margem, nos pecíolos e na nervura central na face inferior; as laminas dos folíolos são glabras	Possuem pétalas com tamanho entre 2 a 3mm	São do tipo drupa, apresentam formas piriformes a obovóides com lenticelas na casca, espesso e sucoso com sabor doce acidulado; Possuem formato obovóide a piriforme e de cor amarelo muito viva e bonita quando maduros	Em formato de batatas, podem ser utilizadas na culinária popular e apresentam um sabor adocicado

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

FOR01		Caulo curto e fibroso, denominado coroa, de onde se desenvolve, no topo, as folhas e as gemas axilares	-	De cor verde, mate ou brilhante, consoante as variedades, são constituídas por três folíolos (trifoliadas), pilosos, de margens dentadas	As inflorescências possuem número variável de flores, que se formam a partir das gemas existentes nas axilas das folhas	Formato de coração, vestido com a intensidade do vermelho, textura macia, e aroma silvestre que transmite ao paladar um tanto de agridoce	Adventícias e fasciculadas
ARV17		Fino, de casca lisa, de coloração marrom-acinzentada a esverdeada, e dotado de espinhos flexíveis, de 2,5-8 cm de comprimento	Aberta e arredondada	São ovais, de textura coreácea, borda lisa, cor verde intensa, exalando perfume quando esmagadas e raramente tem espinhos nos ramos	Pequenas, brancas, perfumadas, polinizadas por abelhas que produzem mel de ótima qualidade com elas	São hesperidium, podendo ser globulosos ou subglobulosos. Dividem-se em pericarpo e sementes	Pivotante ou axial, onde a raiz primária é originada da radícula do embrião e forma claramente uma única raiz principal que penetra verticalmente no solo
ARV18		Tortuoso e os galhos intensamente ramificados, com folhas miúdas	É densa e arredondada	São opostas, simples, ovais, acuminadas, glabras, avermelhadas quando jovens, e que gradativamente vão tomando a cor verde	São pequenas, hermafroditas, brancas, perfumadas, com longos estames e muito melíferas, atraindo abelhas	São bagas globosas, deprimidas nos polos, com sulcos longitudinais e quando maduros ficam de cor vermelha, vinho e até mesmo negra, de acordo com a variedade. A polpa é macia, suculenta e vermelha, recoberta por uma casca muito fina e delicada	Pivotante, que cresce verticalmente (cada vez mais para baixo) e possui ramificações para os lados, chamadas de raízes capilares
ARV19		Caulo com casca fissurada e tronco ereto	Larga e densa	São pecioladas, alternas, oblongo-lanceoladas, glabras e de cor verde-pálida	Solitárias, pequenas, amareladas ou branco-esverdeadas com mácula púrpura na base	Baga sincarpada, carnosa, de forma redonda, ovóide ou cordiforme, recoberta por saliências achatadas e regularmente dispostas, de cor verde, polpa branca e intensamente perfumada, sucosa e macia; as sementes são lisas, ovaladas, de cor castanho-escura ou pretas	Profundas
HER14		Erva grande ereta, perene, piloso-tomentosa e aromática	-	Folhas ovado-deltóides, crenadas, de ápice agudo e bastante quebradiça	Raramente produz, sendo essas violáceas	-	-
HER15		Ramos eretos, semi-suculentos	-	Opostas, ovado-oblongas, grossas, pilosas, curto-pecioladas	Hermafroditas, zigomorfas, pentâmeras, de azuis a violáceas, reunidas em inflorescências eretas do tipo racemo	-	-
ARV20		Revestido por uma casca externa espessa, lisa, pardo-acinzentada, levemente fissurada ou reticulada e, internamente, esbranquiçada, esponjosa e lactescente	Aberta ao espiralar-se nas extremidades dos ramos	Compostas bipinadas, com folíolos obovais, pequenos e glabros	Esbranquiçadas, reunidas em racemos pendentes	São do tipo cápsula alada e deiscente com aspecto de uma vagem, medindo até 35 cm de comprimento e marcado pelas sementes em seu interior. As sementes são trialadas e oleaginosas	Central pivotante, bem profunda

RELAÇÃO COM A COMUNIDADE				
RELAÇÃO COM A COMUNIDADE				
Código	Para quê serve	Parte(s) usada(s)	Relação cultural com a planta	Relação com o espaço
PAL01	Óleo alimentício; propriedades antioxidante; cordas e artesanato (fibras das folhas e cacho de frutos vazios)	Fruto, cachos vazios dos frutos, cascas da amêndoa (caroço) e tronco	Preparo de óleo	Contribui para alimentação e atração de caranguejo e guaiamum
ARV01	Inflamação da garganta, inflamação em mulhreres, escorbuto e feridas na boca, diabetes II e diarréia	Entrecasca, goma, folha, flor, pedúnculo (pseudo-fruto), fruto (castanha) e raiz	Cozimento de entrecasca para inflamação na garganta, escorbuto e feridas na boca (gargarejar); infusão na água fria de entrecasca para diabetes II; cozimento e beber para diarréia	Sombreamento
HER01	Anti-helmíntica, antimicrobiana e anti-reumática. As folhas são indicadas para doenças de pulmão e estômago	Folhas, flores e ramos	Planta fresca, cortada em pedaços e machucada é usada como vermífuga. A planta triturada é usada em ferimentos e inflamações da pele, por meio de compressas, ataduras e pomadas. Serve também para tratamento de contusões e fraturas	-
ARV02	Antiinflamatório	Folhas, entrecasca e casca	Preparo de chá	Sombreamento
PAL02	Extração de óleo, água do coco, extração do coco ralado; hipertensão arterial	Fruto	Consumo do fruto	Confecção de caqueiras para plantas ornamentais, feitas pela própria comunidade
ARV03	Antiinflamatório, adstringente, anti-diarréica, antiasmático, depurativa e tônica, podendo agir no combate a diabetes	Folhas, cascas e óleo	Cozimento da entrecasca como antiséptico em bochechos e gargarejos, antiinflamatório em feridas e úlceras da boca e afecções da garganta	Sombreamento
ARV04	Antioxidante, antialérgica, anti-inflamatória, anti-diabética, antiviral, antifúngica, antibactericida e antiparasítica	Folhas e fruto	Consumo do fruto	Sombreamento
HER02	Problemas menstruais, doenças do fígado, dor de ouvido, verminose, inflamações, febre e câimbras	Folhas, flores e raízes	Obtenção do sumo espremendo as folhas para dor de ouvido, chá por infusão para regular menstruação, folhas amassadas para lavar feridas, etc	-

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER03	Sedativo, espasmolítico, cólicas uterinas e intestinais e no tratamento do nervosismo	Folha, raízes e óleo	Preparo de chá	-
HER04	Calmante, espasmolítico, analgésico, sedativo, ansiolítico, expectorante e mucolítico. Também serve para cólicas uterinas e intestinais.	Folhas, flores e ramos	Preparo de chá	-
HER05	Tratamento da hipertensão arterial e dos estados de ansiedade, febre, gripe, dor de cabeça e congestão nasal. também age como calmante e diurético.	Folhas e flores	Preparo de chá. Para congestão nasal, utilize 3 flores para 2 copos de água fervente e faça inalação dos vapores.	-
HER06	Antelmíntico, antitumoral, anti-inflamatório, anticatarral, expectorante, antiúlceras, auxilia na limpeza do aparelho digestivo	Fruto, folhas, raízes e caule	Para bronquite: mamão verde, retirar as sementes, colocar açúcar e deixar no fogo lento	Extraída parte da folha para a utilização como canudos para fins alimentícios
ARV05	Contra corrimento vaginal, escorbuto, hemoptise, hemorragias uterinas, leucorréias, impingens, feridas, úlceras, inflamação da garganta, diarréia e diabetes	Cascas e entrecascas	Decocto, tintura e pomada	Construção Civil, Marcenaria, Uso Ornamental
HER07	Cicatrizante e antimicrobiana sobre bactérias e fungos	Folha e resina	Tratamento de ferimentos e queimaduras da pele e mucosas	-
HER08	Ação depurativa (eliminando excesso de ácido úrico e ajudando no tratamento de gota); antianêmica; remineralizante; anti-hemorragica; diurética; hipotensora suave	Folhas e raízes	Chá por infusão; cápsula de extrato; tintura	-
ARV06	Ação estimulante e diurética		Infusão, decocto, tintura, extrato fluido, supositório, pomada ou creme	-

APÊNDICE 02

ATAU+E UFPB

Roteiro para visita à Vila do Amanhecer Intervenções Urbanas

Atividade de engajamento com a comunidade para o levantamento de informações sobre a vegetação do território para a construção do inventário da Vila do Amanhecer.

ROTEIRO

1. **Chegada:** 9h30

2. **Conversa inicial:** 9h30 às 10h

Roda de conversa com moradores da Comunidade para reconhecimento afetivo das espécies vegetais da Vila do Amanhecer.

3. **Caminhada de reconhecimento:** 10h às 12h

Inventário de Árvores

- A equipe ficará responsável por identificar no mapa os vegetais existentes com a ajuda de moradores da comunidade.

- A equipe também deverá preencher a ficha de identificação dessas plantas, com informações relacionadas ao seu uso pela comunidade.

- Coletar folhas, sementes ou outras partes de cada espécie do inventário.

**Diário de campo: A equipe deverá preencher um diário de campo sobre o dia da atividade.*

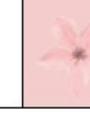
4. **Pausa para o almoço:** 12h às 13h30

5. **Validação com a comunidade:** 13h30 às 15h

A equipe deverá validar junto à comunidade quais as plantas com maior destaque, seja pelo uso das pessoas ou benefícios que elas trazem.

Finalização: 15h30

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

APÊNDICE 03															
CALENDÁRIO DE FLORAÇÃO															
Código	Nome popular	Imagem	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	POLINIZADORES/ FAUNA LOCAL
PAL01	Dendê														
ARV01	Caju roxo														 
HER01	Mastruz														
ARV02	Aroeira														
PAL02	Coqueiro														  
ARV03	Cajueiro														 
ARV04	Mangueira														 
HER02	Arruda														

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER03	Capim Santo														
HER04	Cidreira														
HER05	Colônia														
HER06	Mamoeiro														
ARV05	Baba Tenon														
HER07	Babosa														 
HER08	Urtiga Branca														
ARV06	Cacaueiro														
ARV07	Laranjeira Cravo														
HER09	Bananeira														

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER10	Cana-de-Açúcar															
HER11	Coentro															
HER12	Melissa															
ARV08	Limoeiro															
ARV09	Jambeiro															
ARV10	Imbiriba															
ARV11	Sombreiro															
HER13	Carrapateira (mamona)															
ARV12	Acácia															

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

ARV13	Laranjeira														
ARV14	Limão Galego														 
ARV15	Goití														 
ARB01	Macaxeira														
ARV16	Umbu-Cajá														
FOR01	Morangueiro														
ARV17	Laranja Mimo														
ARV18	Pitangueira														
ARV19	Pinha														

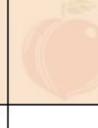
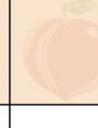
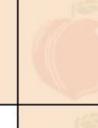
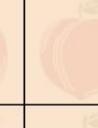
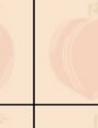
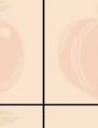
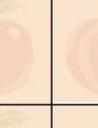
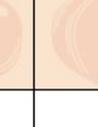
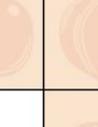
INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER14	Hortelã														
HER15	Boldo														
ARV20	Moringa														
		Legenda polinizadores/ fauna local													
			Pequenos mamíferos, pacas, esquilos	Insetos, besouros	Aves	Beija-flores	Morcego	Abelhas, mamangavas, vespas	Formiga	Borboleta, mariposa					

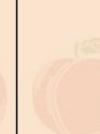
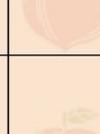
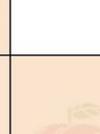
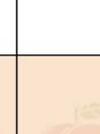
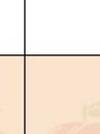
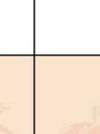
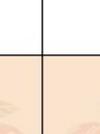
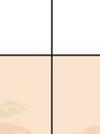
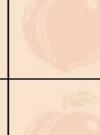
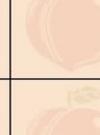
INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

APÊNDICE 04

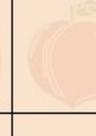
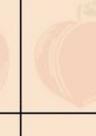
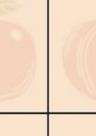
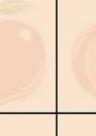
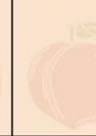
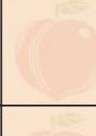
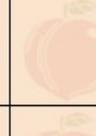
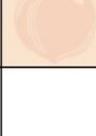
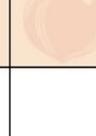
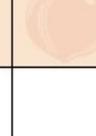
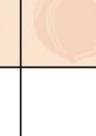
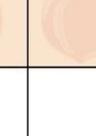
CALENDÁRIO DE FRUTIFICAÇÃO

Código	Nome popular	Imagem	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
PAL01	Dendê													
ARV01	Caju roxo													
HER01	Mastruz													
ARV02	Aroeira													
PAL02	Coqueiro													
ARV03	Cajueiro													
ARV04	Mangueira													
HER02	Arruda													

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

HER05	Colônia													
HER06	Mamoeiro													
ARV05	Baba Tenon													
HER07	Babosa													
ARV06	Cacaueiro													
ARV07	Laranjeira Cravo													
HER09	Bananeira													
ARV08	Limoeiro													

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

ARV09	Jambeiro													
ARV11	Sombreiro													
HER13	Carrapateira (mamona)													
ARV12	Acácia													
ARV13	Laranjeira													
ARV14	Limão Galego													
ARV15	Goití													
ARV16	Umbu-Cajá													
FOR01	Morangueiro													

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

ARV17	Laranja Mimo													
ARV18	Pitangueira													
ARV19	Pinha													
ARV20	Moringa													

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER: [...]

APÊNDICE 05

-7.2769539
-34.8075548.



LEGENDA

	PA101 - GENE		ARV02 - ARBUIA
	PA102 - COQUEIRO		ARV03 - OLIVEIRA
	HER01 - MASTRO		ARV04 - BANANEIRA
	HER04 - CEREJA		ARV07 - LARANJA CRAVO
	HER06 - MANGUEIRO		ARV08 - LIMÃO
	HER09 - BANANEIRA		ARV09 - JAMBU
	HER13 - CARAPINEIRO		ARV10 - MELÃO
	HER14 - HORTIÇÁ		ARV11 - SOMBRIÇA
	HER15 - BÊLGICA		ARV12 - JACU
	ARV01 - MACIEIRA		ARV13 - LARANJEIRO
	FORD1 - MORANGUEIRO		ARV15 - GOI
			ARV17 - LARANJA AMAR
			ARV18 - ITAJUBERA
			ARV19 - FRU
			ARV20 - MORINGA



ATALHE

FUNDO MUNICIPAL DE MANUTENÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

INVENTÁRIO VEGETAL AFETIVO DA VILA DO AMANHECER

FITOTECA COLABORATIVA DE SABERES POPULARES E O JOGO COMO FERRAMENTA PARA INTERVENÇÕES

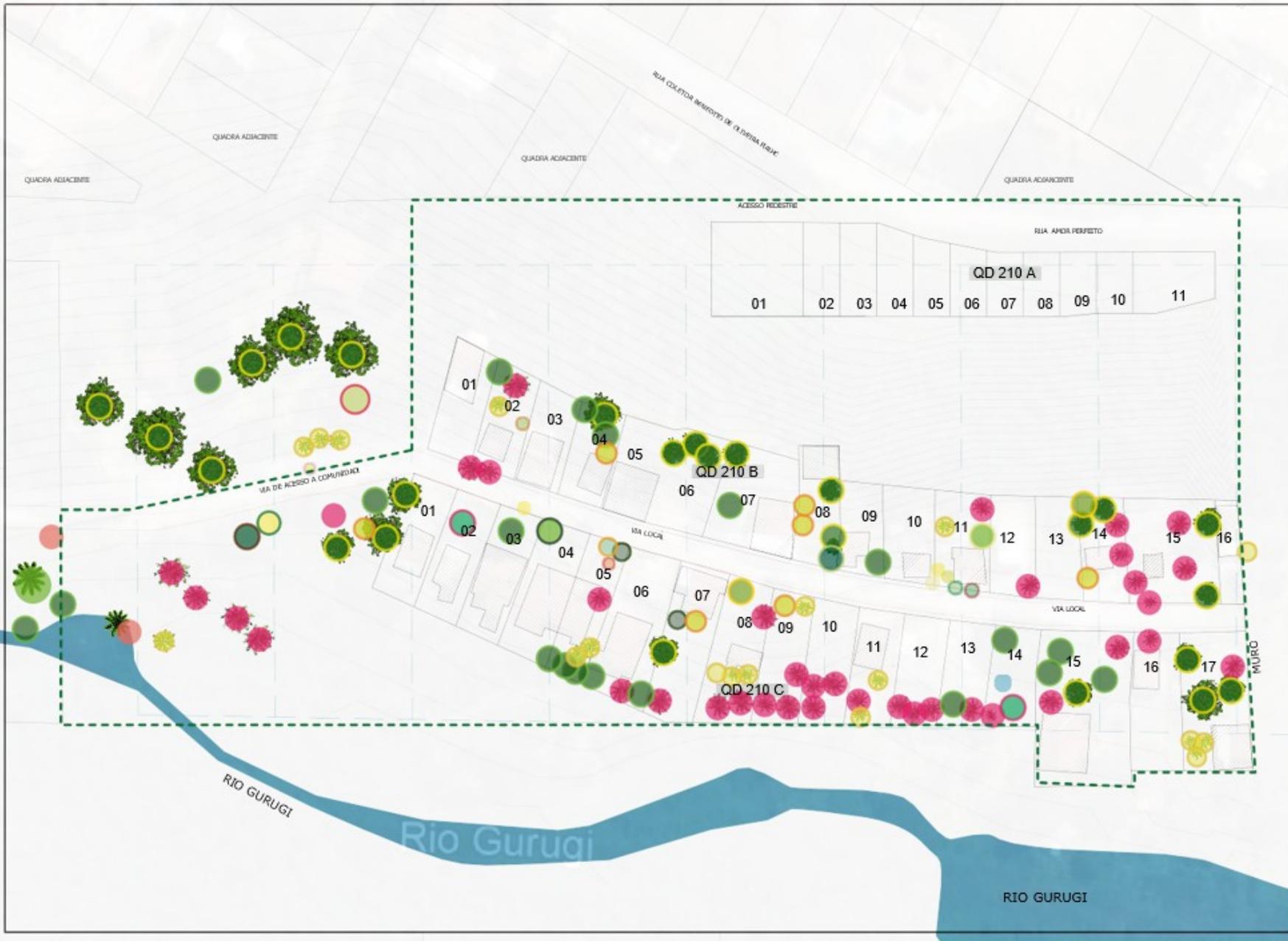
EQUIPE:

DAISY SILVA SOARES; ANAÍSA FERRAZ OLIVEIRA; TATIANA TEIXEIRA DA SILVA

ORIENTADORA:

Prof.ª M.ª Anneliese Hayden Cabral de Lima

Outubro de 2022





ISBN 978-655376436-1



9

786553

764361